

A white outline map of Brazil is centered on a light pink background with a subtle watercolor texture. The map's outline is slightly irregular, following the geographical shape of the country.

PROJETO

Alicerça Brasil (PAB)

Temário 1

EDIÇÃO ENCONTRO NACIONAL DE MANDATÁRIAS 2025

PL
Mulher



Partido Liberal

Presidente do PL Mulher: **Michelle Bolsonaro**

Presidente Nacional: **Valdemar Costa Neto**

Presidente de Honra: **Jair Messias Bolsonaro**

Criação e revisão: **PL Mulher**

Ana Muñoz, Secretária Nacional

André de Sousa Costa, Secretário Nacional de Comunicação

Matusael Jorge, Assessor Especial de Eventos

Sumário

PROJETO ALICERÇA BRASIL: A SEMENTE DE UMA NAÇÃO MAIS FORTE	4
PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE O PROJETO ALICERÇA BRASIL	8
ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS.....	12
PARTICIPAR E INFLUENCIAR PARA NÃO SERMOS TUTELADOS	15
QUANDO O BÁSICO VIRA LUXO, O POVO PODE VIRAR A MESA!	18
O PESO INVISÍVEL NOS OMBROS DE ALICE E CÉSAR	20
ALICE E CÉSAR: QUANDO O BRASIL ESCORRE PELO RALO	23
COLOQUE A AGENDA WOKE PARA DORMIR: SURGE UMA NOVA ESPERANÇA PARA ALICE E SUA FAMÍLIA	26
A ESCOLHA DE LUCAS: UM DILEMA SOBRE O FUTURO	30
O ECO DO MEDO E AS CORRENTES INVISÍVEIS	35
VIDA: FONTE DE ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS	39
SE OS GOVERNANTES NÃO DEIXAM OUTRA SAÍDA SENÃO IR MORAR NA RUA; A SOCIEDADE PODE ACABAR EM UMA RUA SEM SAÍDA!	42
BRILHA, BRILHA, ESTRELINHA	46
POLÍTICA É COISA DE GENTE DO BEM?	49
NÃO É O FIM: ESSE É SÓ O COMEÇO DA NOSSA JORNADA!	52
CONTATOS DO PL MULHER	55

PROJETO ALICERÇA BRASIL: A SEMENTE DE UMA NAÇÃO MAIS FORTE

Imagine uma nação onde sua voz, seu coração e sua casa se tornam o alicerce de uma transformação poderosa. Essa é a proposta do Projeto Alicerça Brasil (PAB), uma iniciativa que coloca você, mulher, no centro da mudança política e cidadã, independentemente de você ter ou não um mandato. Trata-se de uma mudança de mentalidade que transformará a vida de muitas pessoas e ajudará na edificação da Nação que tanto desejamos.

No Brasil contaminado pelas ideologias de esquerda, as mulheres ainda batalham para ocuparem mais espaços na política. As ameaças às nossas famílias avançam, a inflação sobe, os desafios comunitários crescem e a pergunta ecoa: como fazer a diferença? Sozinhas, a jornada é muito árdua. Mas juntas, em pequenas reuniões cheias de propósito, podemos construir algo sólido, algo mais duradouro.

Inspirado na força e na eficácia das reuniões comunitárias – como aquelas que unem famílias para realização de estudos ou, até mesmo, para oração nos lares, o PAB transforma sua casa em um espaço de aprendizado e ação. Abra as portas de sua casa e reúna até 12 mulheres¹ – o Grupo Alicerçadas – para compartilhar um café e mergulhar na história, no debate e nas propostas que são apresentadas nas reuniões.

Os textos do PAB abordam a política na vida real: do orçamento familiar afetado pela inflação à defesa de valores como Deus, Família, Pátria e Liberdade. São discussões que conectam o coração ao cotidiano, alicerçando práticas cidadãs que ecoarão para além das reuniões.

Cada encontro traz um texto vibrante: uma narrativa inspiradora, reflexões profundas sobre política e cidadania, e tópicos práticos para aplicar no dia a dia. O resultado? Ações concretas, sugeridas nos textos e decididas por vocês, que impactarão a vida em sua comunidade.

Não é sobre grandes palcos. É sobre histórias simples e marcantes, debates inteligentes, mesas simples, risadas compartilhadas, pratos de bolo, salgadinhos e suco trazidos por cada uma das Alicerçadas. É sobre o calor humano e a empatia que florescem quando mulheres se unem por um ideal maior.

Ao final de cada encontro, você não apenas cresce – você se torna uma semente. O PAB quer crescer e, por isso, ele é também um convite a formar novos Grupos ALICERÇADAS que, guiados pela metodologia, alcançarão todo o Brasil. Como um alicerce que sustenta uma casa, cada grupo fortalece a Nação, multiplicando cidadãs engajadas, conscientes e prontas para liderar. Uma mulher inspira 12, que inspiram 144, que transformam milhares. Essa é a matemática do impacto.

O PAB é simples, mas seu potencial é extraordinário. Tudo começa com você, na sua casa, com suas amigas e com uma vontade de fazer história. Pegue sua xícara, abra sua porta, compartilhe conhecimento e plante a semente de uma Nação mais forte.



Você é o alicerce. Você é a mudança.

SEJA UMA ALICERÇADA!

Saiba mais sobre o Projeto Alicerça Brasil:

Converse com a Presidente Municipal ou Estadual do PL Mulher, faça parte ou crie um Grupo Alicerçadas. Para mais informações sobre como se inscrever e receber o Temário da Alicerçada, acesse o nosso site <https://plmulher.org.br/> e junte-se a nós nessa jornada!



EDIFICANDO A NAÇÃO:



ALICERÇADAS!

PERGUNTAS FREQUENTES SOBRE O PROJETO ALICERÇA BRASIL

O QUE É O PROJETO ALICERÇA BRASIL (PAB)?

O Projeto Alicerça Brasil foi concebido para incentivar a promoção e o aprimoramento do conhecimento político entre as mulheres de bem do Brasil. Em reuniões domiciliares, direcionadas por um Temário, situações do cotidiano das famílias brasileiras são apresentadas por meio de textos e perguntas de reflexão que ressaltam os impactos das ações políticas na vida das pessoas e promovem o debate entre as integrantes do grupo com a finalidade de aumentar a consciência política e motivar a ação concreta das pessoas no sentido de transformar positivamente a realidade da sociedade.

QUAL É O NOME DADO A ESSE GRUPO?

O grupo é denominado “Grupo Alicerçadas” e cada mulher que o compõe é chamada “Alicerçada”.

Esse nome é versátil, pois pode ser aplicado a qualquer tipo de evento ou reunião a ser realizado com a finalidade de debater os textos do Temário do Projeto Alicerça Brasil. Por exemplo: Conversa Alicerçada (ou das Alicerçadas); Reunião Alicerçadas; Café Alicerçadas; Jantar Alicerçadas; Passeio Alicerçadas. Enfim, utilize a marca “Alicerçadas” em todos os encontros de estudo do Temário.

O GRUPO ALICERÇADAS PODE TER ATÉ QUANTAS INTEGRANTES?

Para otimizar o espaço de reunião, bem como permitir que os debates no grupo sejam bem produtivos, o ideal é que cada grupo seja composto por 12 mulheres. Contudo, dependendo da situação, esse número pode chegar a um limite máximo de 15 Alicerçadas, desde que não haja prejuízo para as reflexões e para o desenvolvimento da reunião como um todo.

QUAL É A COMPOSIÇÃO DE UM GRUPO ALICERÇADAS?

O Grupo Alicerçadas é composto somente por mulheres. Cada grupo deverá ter uma coordenadora, a qual se vinculará diretamente à Presidente Municipal do PL Mulher. Excepcionalmente, as coordenadoras poderão estar vinculadas diretamente à Presidente Estadual, desde que devidamente justificado e autorizado pela Direção Nacional do PL Mulher.

HOMENS PODEM PARTICIPAR DAS REUNIÕES DO GRUPO ALICERÇADAS?

Preferencialmente, não. A não ser com a aprovação das integrantes do grupo e exclusivamente na condição de especialista convidado para cooperar no alcance do objetivo específico da reunião, por exemplo, na condição de especialista para falar sobre o tema que está sendo abordado no dia.

O QUE É O TEMÁRIO DO PROJETO ALICERÇA BRASIL E COMO POSSO TER ACESSO A ELE?

O Temário do Projeto Alicerça Brasil é uma compilação de textos preparados para otimizar momentos de reflexão e debate sobre como a política influencia a vida do cidadão e a importância do engajamento político para a transformação da sociedade.

Na fase inicial do Projeto Alicerça Brasil estão previstos três Temários com, pelo menos, doze textos cada um.

A versão digital dos Temários está disponível para download no site do PL Mulher (www.plmulher.org.br).

EXISTE UM ROTEIRO A SER SEGUIDO NAS REUNIÕES DO GRUPO ALICERÇADAS?

Sim, existe um roteiro sugerido para que as reuniões tenham a sua máxima eficácia. A sugestão é a seguinte:

- *Receba cada uma das Alicerçadas em sua casa com muito carinho;*
- *Convide-as para se sentarem no local preparado para reunião;*
- *Se julgarem conveniente e houver comum acordo, comecem a reunião com uma oração. Brasil acima de tudo. Deus acima de todos!*
- *Iniciem a leitura do conteúdo a partir do item VER do texto destinado à reunião. Vocês podem escolher se uma só pessoa fará a leitura ou decidir que, por exemplo, cada Alicerçada leia um ou dois parágrafos. A decisão é de vocês!*

- No item REFLETIR, as integrantes do grupo responderão às perguntas e debaterão entre si. A coordenadora do grupo é responsável por controlar o tempo e a “temperatura” da conversa.
- Em seguida, deve ser lido o item ILUMINAR que aprofunda as informações sobre o tema da reunião.
- O último item do texto é o AGIR: uma proposta para que as Alicerçadas façam algumas ações concretas que contribuirão para o aprimoramento do conhecimento e das condições de vida no município em que residem.
- Antes de encerrar a reunião, a coordenadora deverá repassar os avisos (caso existam) para as integrantes do grupo e já agendar data e local para a próxima reunião. Logo em seguida, a coordenadora do grupo promoverá o brado das Alicerçadas, qual seja: “Edificando a Nação: Alicerçadas!”
- Terminada essa fase, é chegada a hora do lanchinho de confraternização. Aproveitem!
- Na semana em que será realizada a reunião definida na reunião anterior, a coordenadora do grupo deverá entrar em contato com as demais Alicerçadas para lembrá-las do encontro e reforçar o convite de participação.

EXISTE DIA FIXO DA SEMANA PARA REALIZAÇÃO DAS REUNIÕES?

As reuniões serão realizadas nos dias e horários definidos, em comum acordo, pelas integrantes do Grupo Alicerçadas.

QUANTO TEMPO DEVE DURAR UMA REUNIÃO DO GRUPO ALICERÇADAS?

A reunião do Grupo deve durar, preferencialmente, no máximo, 2 horas e 30 minutos (incluído o período de confraternização/lanchinho).

QUEM É RESPONSÁVEL PELO LANCHE DE CONFRATERNIZAÇÃO PÓS-REUNIÃO?

Para reforçar o sentimento de participação conjunta, de cooperação e de comunhão, sugerimos que, caso seja possível, cada Alicerçada do grupo leve um pratinho de salgado, bolo ou qualquer outro tipo de alimento e uma bebida (café, suco, refrigerante, chá, etc), tudo combinado no grupo. A previsão é que a hora do lanchinho ocorra após a reunião, mas nada impede que seja realizado em outro momento, desde que não prejudique o andamento da reunião.

QUANTAS REUNIÕES SÃO PREVISTAS E QUAL É A PERIODICIDADE DE SUAS REALIZAÇÕES?

A previsão inicial do Projeto Alicerça Brasil é de que haja três Temários com, pelo menos, 12 textos cada um. Isso dará um total de 36 reuniões para completar o ciclo.

Em cada reunião deve ser estudado apenas um texto.

A periodicidade normal sugerida para as reuniões é de uma reunião a cada quinze dias. Nada impede que sejam realizadas semanalmente, mas não é a indicação ideal. Nossa preferência é por reuniões quinzenais. Deve-se evitar ficar mais de 30 (trinta) dias sem fazer uma reunião.

EU POSSO MONTAR O MEU PRÓPRIO GRUPO ALICERÇADAS?

Não. A formação dos grupos deve sempre passar pela Presidente do PL Mulher no Município. Tal medida é necessária para que haja a devida coordenação e desenvolvimento do Projeto Alicerça Brasil.

COMO E QUANDO DEVE SER CRIADO UM NOVO GRUPO ALICERÇADAS?

Um Grupo Alicerçadas deve possuir entre 12 (ideal) e 15 (máximo) integrantes.

Sempre que um grupo ultrapassar a quantidade de 15 Alicerçadas, a coordenadora do grupo deverá comunicar à Presidente Municipal do PL Mulher sobre essa situação e, juntamente com essa comunicação, fará a indicação de uma coordenadora para o novo Grupo Alicerçadas que será criado. A coordenadora do novo grupo deverá ser escolhida dentre as integrantes do seu grupo atual com maior capacidade de liderança para conduzir o grupo que está sendo criado.

Os dados das integrantes do novo grupo deverão ser repassados à Presidente Municipal do PL Mulher, a qual deverá manter o controle da quantidade de Grupos Alicerçadas existentes em seu município, bem como o cadastro das coordenadoras e demais integrantes dos grupos.

COMO FAÇO PARA PARTICIPAR DE UM GRUPO ALICERÇADAS JÁ EXISTENTE?

Você pode fazer contato diretamente com a Presidência Municipal do PL Mulher para receber informações sobre grupos existentes, vagas disponíveis e novos grupos que estão sendo criados.

Se você já conhece algum Grupo Alicerçadas que esteja em andamento, você pode entrar em contato direto com a coordenadora desse grupo. Caso ainda haja vagas, ela poderá fazer a sua inclusão ou indicar o contato com a Presidente Municipal que fará a sua alocação em um outro grupo existente ou em um grupo que estiver sendo criado.

O que mais importa é que você seja uma Alicerçada! Independentemente, do momento de sua entrada no Grupo.

EM ALGUM MOMENTO É PREVISTA A REUNIÃO DE TODOS OS GRUPOS ALICERÇADAS EXISTENTES EM UM MUNICÍPIO OU ESTADO?

Estão previstos encontros com a participação de todos os integrantes dos grupos existentes da seguinte forma:

- *Encontros Gerais Municipais: pelo menos um encontro por semestre (2 encontros no ano);*
- *Encontro Estadual: pelo menos um encontro por ano;*
- *Encontro Nacional: um por ano.*

A realização dos encontros será divulgada pelas Presidentes Estaduais e Municipais, nas redes sociais do PL Mulher e em outros veículos e meios de comunicação disponíveis.

EXISTE ALGUM SÍMBOLO, UM BRADO CARACTERÍSTICO OU FRASE DE EFEITO QUE IDENTIFICA UM GRUPO ALICERÇADAS?

Sim, existe um brado. Isso é importante para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento.

A nossa missão é muito importante para o nosso país. Nós, Alicerçadas, temos um potencial imenso e as nossas ações trarão resultados mais rápidos e consistentes do que podemos imaginar. Era necessário criar algo que nos identificasse e fizesse ressoar pelo Brasil inteiro a nossa voz e as nossas obras.





Ao final de cada reunião, antes de partirmos para nosso lanchinho, podemos segurar as mãos umas das outras e responder ao chamado da coordenadora que dirá em alta voz:

EDIFICANDO A NAÇÃO:

E todas as mulheres do grupo responderão com voz mais alta ainda:

ALICERÇADAS!

TEREMOS MAIS ALGUMA NOVIDADE PELA FRENTE?

Teremos sim!

Em breve, lançaremos um desafio aos grupos: faremos concursos para a criação da logomarca do Projeto Alicerça Brasil, do símbolo dos Grupos Alicerçadas e também para o nosso jingle. Aguardem!

SEJAM BEM-VINDAS, ALICERÇADAS!

TEXTO 1

ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

“

Apesar das dificuldades,
aos poucos, a família tem
aumentado a sua consciência
política e não perde a
esperança!”

ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Carlos e Alice formam um jovem casal: Ele tem 35 anos e ela, 34. Eles estão casados há sete anos, têm dois filhos – Lucas e Ana – e trabalham duro para sustentar a sua família. A renda do casal está sendo consumida rapidamente pelos aumentos dos preços. A inflação está diminuindo o poder de compra da família e o salário deles mal cobre as despesas básicas da casa.

Seus dois filhos estão em idade escolar e precisam utilizar o transporte público, que é escasso, caro e de péssima qualidade. Muitas vezes, eles têm que caminhar longas distâncias ou esperar por um ônibus superlotado, já que o casal teve que vender o carro da família para dar entrada no financiamento da modesta casa em que moram.

Na escola, Lucas e Ana enfrentam outro problema: Alguns professores, ao invés de ensinar matemática, português e ciências, usam grande parte do tempo para impor ideologias políticas e de gênero. Carlos fica revoltado, pois ele e Alice querem que seus filhos tenham um ensino de qualidade para que possam ter uma chance melhor do que eles tiveram, mas o sistema parece estar contra eles.

No supermercado, os preços dos alimentos continuam subindo sem controle. Alice se desespera ao ver que o dinheiro não é suficiente e se sente humilhada e desanimada, pois fica a sensação de que, a cada dia, o padrão de vida da família está piorando. À medida que o dinheiro do mês vai acabando, eles têm que terminar o dia com refeições mais simples, pois não há como comprar carne e outros itens básicos para todos os dias.

Além das dificuldades financeiras, a insegurança na cidade é constante. A criminalidade está fora de controle, e os governantes parecem estar do lado dos criminosos. Eles têm receio de que algo aconteça com seus filhos a caminho da escola ou com eles mesmos ao voltar do trabalho tarde da noite. Eles até tentam dormir, mas a preocupação os faz ficar atentos a qualquer barulho suspeito. Sem descanso e alimentação adequados, logo virão os problemas de saúde e o martírio de enfrentar filas de atendimento nos hospitais e nas UPAs cuja maioria oferece serviços precários.

Apesar das dificuldades, aos poucos, a família tem aumentado a sua consciência política e não perde a esperança. Carlos e Alice acreditam que um novo governo, escolhido de maneira consciente e sem “paixões”, poderá melhorar as condições de vida no país. Sonham com líderes que valorizem o trabalho, melhorem a economia, invistam na educação de verdade e tragam segurança para o povo. Enquanto isso, seguem firmes, buscando mais conhecimento e acreditando que um futuro mais próspero ainda é possível.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

Carlos e Alice, como tantas outras famílias brasileiras, enfrentam dificuldades em vários setores da vida que dependem de decisões das autoridades políticas.

- a. Como os cidadãos podem se organizar para exigir ações que favoreçam melhores condições de vida para as pessoas?*
- b. Como a participação efetiva de cidadãos em associações, conselhos e movimentos pode influenciar mudanças nos rumos de sua cidade?*
- c. Você ocupa espaços em associações, conselhos, movimentos ou em alguma outra forma de participação política? Qual sua atividade neste ambiente? Atualmente, quem ocupa mais esses espaços, as pessoas com ideias de direita ou de esquerda?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

Por que participar da política?

Há realidades humanas que acontecem espontaneamente, sem que haja esforço ou inteligência por trás. Mas há determinadas circunstâncias que exigem a presença ativa e consciente do ser humano, como é no caso da política.

A política acontece a todo momento do convívio social e gera impacto direto em diversos aspectos da vida das pessoas. Nas relações de poder, na resolução de conflitos, na administração de bens, nos processos de liderança e em tantas outras ocasiões. Como não se envolver com algo que está presente a todo momento em sua vida e, mais, com impacto determinante na sua história?

Participação política é, portanto, ato próprio daqueles que se importam em se envolver na construção de seus próprios destinos, sem permitir serem levados à maré da sorte. Tal participação se dá por diversas formas e em diversos contextos, sobre as quais destaquem-se:

1. *Exercer o direito ao voto, segundo seus valores, em momentos eleitorais;*
2. *Exercer seu direito de ser votado como representante político em momento de eleição;*
3. *Fiscalizar as atividades dos políticos que foram eleitos;*
4. *Filiar-se em um partido político*
5. *Denunciar violação de direitos;*
6. *Divulgar e promover práticas exitosas em prol do bem comum;*
7. *Criar ou se engajar em algum movimento social sobre determinada causa;*
8. *Acompanhar e participar de debates públicos sobre temas de interesse;*
9. *Conhecer e ensinar sobre a realidade política de sua região;*
10. *Articular pessoas, movimentos e políticos em prol de uma causa.*

Muito foi distorcido com relação à imagem da política, tida como ambiente próprio de ladrões e gerador de corrupção, distante de pessoas do bem. Felizmente, esta visão tem sido restaurada, uma vez que a verdadeira política, em sua correta e ética prática, passou a ser exercida e conhecida pelos cidadãos.

Afinal, política é um instrumento valioso e eficiente para se transformar, positivamente, uma nação.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Vamos Juntos Cuidar da Política

a. *Uma ação que pode ser implementada pelo grupo é promover esse estudo reflexivo com mais mulheres para que elas possam pensar politicamente sobre o bem de sua família, de sua cidade e de sua nação, convidando-as a participar das reuniões desse projeto. Se o grupo estiver completo com, pelo menos, 12 mulheres; vocês podem incentivar a formação de outros grupos. Se o seu Grupo Alicerçadas ainda estiver incompleto, convide as suas amigas a completarem o grupo.*

b. *Que tal fazer uma pesquisa sobre quem são os representantes do seu município e do seu estado na política? Pesquise na internet (ou por outros meios) e faça um resumo (dossiê) sobre quem são os vereadores da Câmara Municipal, quem são os deputados estaduais, deputados federais, bem como senadores que representam o seu estado. Estenda a pes-*

quisa ao prefeito e ao governador do estado. Procure conhecer a que partido eles estão filiados, quais tem sido as causas defendidas por eles e como têm sido os votos deles. Destaque na sua pesquisa as mulheres que possuem mandatos.

Para facilitar o trabalho, o grupo pode ser dividido em subgrupos da seguinte forma:

Subgrupo A – Pesquisar os Vereadores

Subgrupo B – Pesquisar os Deputados Estaduais

Subgrupo C – Pesquisar os Deputados Federais

Subgrupo D – Pesquisar os Senadores, Prefeito, Vice-Prefeito e Governador.

c. Para a próxima reunião, a coordenadora do grupo deverá disponibilizar um tempo para que cada grupo faça uma breve apresentação sobre os resultados da pesquisa. Um representante de cada subgrupo distribuirá o resultado do seu trabalho, via whatsapp para todas as integrantes do grupo, ou seja, para cada uma das Alicerçadas.



PARTICIPAR E INFLUENCIAR PARA NÃO SERMOS TUTELADOS

“

Quando os votos foram contados, a vitória foi impressionante – os candidatos apoiados por eles foram eleitos. Esse resultado trouxe uma onda de esperança e alívio para Alice, César e para todos que se engajaram.”

PARTICIPAR E INFLUENCIAR PARA NÃO SERMOS TUTELADOS

1) VER (História de vida para preparar os debates)

O casal Alice e César, juntamente com os seus dois filhos – Lucas e Ana – são uma família tradicional. Os pais valorizam a disciplina, o respeito e os princípios morais conservadores na criação dos filhos. A rotina deles é marcada por momentos simples, como conversas à mesa de jantar, onde ensinam aos filhos lições de vida baseadas em seus valores. Contudo, a harmonia da família é constantemente ameaçada por uma preocupação com o aparelhamento do órgão local denominado **“Semselho Nutelar”**² que era ocupado por militantes de esquerda.

O **Semselho Nutelar** é um órgão que tem como uma de suas funções acompanhar se os direitos de crianças e adolescentes estão sendo cumpridos, contudo, existiam denúncias de intervenções indevidas, afirmando que os membros do tal **Semselho** aplicavam ideologias contrárias às crenças do casal, deixando-os apreensivos sobre o futuro da educação dos filhos.

O temor de Alice e César se tornou mais real quando eles testemunharam a interferência abusiva de integrantes do **Semselho Nutelar** na vida de famílias próximas. Influenciados por ideologias woke³ e socialistas, esses membros, frequentemente, questionavam os métodos de criação considerados tradicionais, como estabelecer limites claros ou aplicar disciplina, dizendo que eram excessivos ou antiquados.

Um caso marcante foi o de um casal amigo, que recebeu uma visita desses agentes públicos após uma denúncia anônima sobre sua forma de educar os filhos, sendo acusado de rigidez excessiva. Para Alice e César, isso é um alerta de que o Estado, por meio dos órgãos como esse, poderia invadir sua privacidade e impor visões contrárias às suas, colocando em risco sua autonomia como pais, bem como a existência de sua família.

Tudo mudou quando Alice e César descobriram que os membros do Semselho Nutelar são eleitos pela comunidade e, portanto, os cidadãos têm o poder de influenciar quem ocuparia esses cargos. Para proteger seus filhos e seus valores, eles decidiram agir. Identificaram candidatos que compartilham seus ideais conservadores e respeitam a autoridade dos pais. Alice e César iniciaram um plano para mobilizar a comunidade e os colegas de trabalho, convencidos de que, unidos, poderiam garantir um **Semselho Nutelar** mais alinhado com a autonomia dos pais.

2 - Nome fictício criado com a única finalidade de criar um cenário para a história.

3 - O termo “cultura woke” ou apenas “woke” é uma expressão de origem americana utilizada para se referir a aplicação de narrativas progressistas – como a defesa do aborto, da liberação das drogas e a ideologia de gênero – em diversos tipos de conteúdo, seja em filmes, séries, outros meios de entretenimento e até mesmo discursos políticos e sociais.

A família assumiu a missão de engajar a comunidade. Alice organizou reuniões em casa, enquanto César conversava com colegas no trabalho, explicando como a eleição do **Semselho Nutelar** impactaria diretamente a vida de todos. Eles mostraram a importância de eleger candidatos que priorizassem os valores morais conservadores e a liberdade dos pais na educação dos filhos. A resposta foi animadora. Muitos vizinhos e amigos, que também se sentiam ameaçados pelas ações de membros do Semselho, aderiram à causa. Juntos, criaram uma rede de apoio, distribuíram informações sobre os candidatos escolhidos e planejaram uma participação massiva na votação, fortalecendo a união em torno de um objetivo comum.

No dia da eleição, Alice e César foram às urnas com Lucas e Ana, orgulhosos do esforço coletivo. A mobilização mostrou resultados: a comunidade compareceu em peso e votou nos candidatos que representavam os valores defendidos pela família. Quando os votos foram contados, a vitória foi impressionante – os candidatos apoiados por eles foram eleitos. Esse resultado trouxe uma onda de esperança e alívio para Alice, César e para todos que se engajaram. Eles sabem que, agora, o **Semselho Nutelar** trabalhará em harmonia com seus princípios conservadores, respeitando a autonomia das famílias e restaurando a confiança em um futuro seguro para Lucas e Ana.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

- a. *Você acredita que é possível mudar os rumos do nosso dia-a-dia, seja para o bem ou para o mal, por meio da ocupação de posições nas estruturas de participação popular existentes nas esferas municipal, estadual e federal?*
- b. *Você conhece alguma estrutura semelhante ao “Semselho Nutelar” no seu município? Se sim, quais seriam? Conhece alguém que atua nessa estrutura que tenha valores conservadores?*
- c. *O que você acha da seguinte frase: “O maior castigo para pessoas de bem que não se interessam por política é que correm o risco de serem governados por pessoas más que se interessam”.*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

Como podemos ajudar a decidir o que acontece na nossa cidade ou estado? Você sabia que a Constituição do Brasil, que é a lei mais importante do país, diz que o povo pode participar diretamente nas decisões do

governo? Isso não é só votando nas eleições, mas também através de conselhos onde os cidadãos podem dar opiniões e ajudar a melhorar as coisas.

Esses conselhos são muito importantes em áreas como saúde, educação, segurança e assistência social. Por exemplo, se você acha que a escola do seu filho precisa de mais professores ou que o posto de saúde não está funcionando bem, pode participar de um conselho e levar essas ideias para serem discutidas. Assim, quem toma as decisões ouve diretamente o que o povo precisa e pode atender melhor os anseios da população. A Constituição destaca isso nos Artigos 198 e 204, que falam da participação popular na saúde e na assistência social, mostrando como ela é essencial.

Participar desses conselhos é um direito seu e uma forma de fazer sua voz ser ouvida. Quando o povo se envolve, as coisas podem ficar mais justas e atender melhor às nossas necessidades. Então, procure saber mais sobre os conselhos da sua cidade ou estado e veja como você pode participar.

Um detalhe: provavelmente, você encontrará esses órgãos tomados por ideologias de esquerda. Ok! Seremos como cães pastores que, para proteger as ovelhas, é lançado em meio aos lobos para lutar contra eles e vencê-los.

Abaixo alguns exemplos de conselhos que atuam no âmbito dos estados e municípios:

CONSELHOS MUNICIPAIS

Conselho Municipal de Saúde:

Esse conselho fiscaliza e acompanha as políticas de saúde no município. Ele garante que os recursos, como verbas para hospitais ou medicamentos, sejam bem utilizados e que as demandas da população, como mais médicos ou campanhas de vacinação, sejam atendidas.

Conselho Municipal de Educação:

Responsável por participar da elaboração e implementação de políticas educacionais locais. Por exemplo, ele pode discutir melhorias nas escolas municipais, como a contratação de professores ou a compra de materiais didáticos.

Conselho Municipal de Assistência Social:

Esse conselho trabalha para garantir que as políticas de assistência social, como programas de apoio a famílias em vulnerabilidade ou abrigos, sejam eficazes. Ele também fiscaliza a aplicação dos recursos nessa área.

Conselho Municipal de Segurança:

No âmbito municipal, cidades como São Paulo e Santos possuem os chamados Conselhos Comunitários de Segurança (CONSEGs). Esses conselhos funcionam como entidades de apoio às polícias estaduais e à Guarda Municipal, servindo como canais de comunicação entre a população e as autoridades. Eles ajudam a identificar problemas locais de segurança e a propor soluções, aproximando a gestão da segurança das necessidades das comunidades.

CONSELHOS ESTADUAIS

Agora, veja exemplos de conselhos que atuam em nível estadual, abrangendo todas as cidades de um estado:

Conselho Estadual de Saúde:

Semelhante ao municipal, mas com atuação em todo o estado. Ele propõe e fiscaliza políticas de saúde em uma escala maior, garantindo que os serviços cheguem a todas as regiões, como a construção de hospitais regionais ou a distribuição de equipamentos médicos.

Conselho Estadual de Educação:

Esse conselho contribui para a formulação de políticas educacionais estaduais, como a criação de programas de ensino ou a distribuição de recursos para escolas em todo o estado.

Conselho Estadual de Assistência Social:

Focado em garantir que as políticas de assistência social sejam bem executadas em todo o estado. Ele ajuda a coordenar programas que atendem às necessidades de proteção social, independentemente de onde estejam localizados.

Conselho Estadual de Segurança:

Em nível estadual, muitos estados brasileiros já contam com conselhos de segurança ou de defesa social. Um exemplo é o Conselho Estadual de Defesa Social e Segurança Pública (CESPDS) de Pernambuco, reestruturado pela Lei nº 16.282. Esses conselhos têm como objetivo coordenar ações entre os órgãos de segurança e a sociedade, além de acompanhar a implementação de políticas públicas na área.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Quais dos conselhos acima existem na sua cidade? Caso não existam, que tal agir, junto aos vereadores e à prefeitura, para que sejam criados? Se existirem (e você julgar importante), procure saber como participar de um ou mais conselhos. Se puder, participe e incentive que suas amigas participem também!



TEXTO 3

QUANDO O BÁSICO VIRA LUXO, O POVO PODE VIRAR A MESA!

“

Nas conversas com vizinhos, ficou claro que a inflação estava afetando a todos. As pessoas reclamavam de uma política de governo que gastava demais, impunha regras rígidas contra o povo e aumentava os impostos.”

QUANDO O BÁSICO VIRA LUXO, O POVO PODE VIRAR A MESA!

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice abriu a geladeira e viu que o leite, que aumentou e agora custava mais de R\$ 9 reais, estava faltando. O preço dos ovos e do café também aumentou significativamente, fazendo com que o café da manhã ficasse mais simples e forçando ajustes no orçamento familiar. César, revisando as contas, notava que o básico se transformava em luxo a cada ida ao mercado. A rotina mostrava, a cada compra, o peso da inflação sobre a família.

Enquanto isso, na sala, Lucas e Ana brincavam sem saber das dificuldades enfrentadas pelos pais. Alice e César conversavam sobre como economizar sem abrir mão do essencial. Cada conversa reforçava a necessidade de se adaptar e buscar soluções práticas para manter a qualidade de vida. A união da família era a base para enfrentar o dia a dia.

Nas conversas com vizinhos, ficou claro que a inflação estava afetando a todos. As pessoas reclamavam de uma política de governo que gastava demais, impunha regras rígidas contra o povo e aumentava os impostos. Os amigos comentavam sobre o sucesso de um vídeo que viralizou porque mostrava as armadilhas do governo em relação ao sistema de pagamentos chamado PIX.

Eles perceberam que se a armadilha do governo fosse adiante traria mais dificuldades para o povo. Graças à pressão promovida pela reação do povo ao vídeo, o governo de esquerda teve que voltar atrás e isso reacendeu na comunidade a esperança de mudança por meio da ação direta do povo. A mobilização popular parecia uma saída possível.

César e Alice decidiram agir. Eles organizaram encontros comunitários e incentivaram a divulgação de informações nas redes sociais para cobrar transparência e responsabilidade fiscal dos governantes. A estratégia incluía a criação de petições e protestos organizados, visando pressionar os governantes (do município, do estado e do país) a reverem os gastos desnecessários. A ação coletiva se mostrava o caminho para forçar mudanças reais.

Com o passar dos dias, a mobilização cresceu. A família passou a incentivar a participação ativa em fóruns e debates, chamando a atenção para medidas práticas que poderiam reverter a crise. A mensagem era clara: a união e a pressão popular são ferramentas eficazes para transformar a realidade. Cada cidadão engajado ajudava a construir um futuro em que o poder de compra também fosse restabelecido.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

Pense em como a crise econômica afeta o dia a dia, as emoções e a união familiar, assim como nas discussões do casal Alice e César e responda:

- a. Como a inflação influencia as conversas e decisões dentro da sua família?
- b. Quais políticas governamentais você acha que estão piorando a situação econômica e provocando, por exemplo, a alta dos preços e a inflação?
- c. Você acha que a mobilização popular, como a que ocorreu após o vídeo do deputado Nikolas Ferreira sobre o PIX, pode influenciar as decisões do governo?

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

Por que o excesso de gastos do governo pesa no seu bolso

Alice percebeu que o leite sumiu da geladeira. Não só sumiu, como ficou caro demais. O café e os ovos, então, nem se fala. O café da manhã que antes era simples virou quase um luxo. Essa realidade está batendo à porta de muitas famílias brasileiras – e tem um motivo por trás disso que quase ninguém explica direitinho: o excesso de gastos do governo.

Quando o governo gasta demais para manter a máquina pública – com salários, estruturas e privilégios que muitas vezes não trazem retorno real para o povo – sobra menos dinheiro para investir em áreas que realmente importam, como saúde, educação, estrada, transportes e infraestrutura em geral. E quando o dinheiro público é mal utilizado, o país precisa buscar recursos em outro lugar. Como? Aumentando impostos ou pegando empréstimos.

O problema é que, quando o governo pega muito dinheiro emprestado, ele “enche o mercado” de títulos públicos. Isso torna o crédito mais caro para todos, inclusive para quem quer abrir um pequeno negócio ou financiar uma casa. É como se o governo estivesse “pegando” quase todo o dinheiro disponível para si, deixando pouco para os cidadãos. Resultado? O crédito some ou fica com juros altos.

Além disso, o excesso de gastos aumenta o risco de inflação. Com mais dinheiro circulando, mas sem produção suficiente para acompanhar, os preços sobem. É isso que Alice e César enfrentam no supermercado – cada ida às compras pesa mais.

Mas tem solução. Quando o povo entende o que está acontecendo e se une, como Alice e César fizeram ao organizar encontros e pressionar



por responsabilidade fiscal, algo muda. A mobilização popular tem força. A cobrança por transparência e o corte de desperdícios pode sim melhorar a economia e restaurar o poder de compra.

Política parece distante, mas começa dentro de casa – na escolha do que comprar, nas conversas com os vizinhos, nas decisões da comunidade. E, principalmente, no entendimento de que dinheiro público é nosso. E deve ser bem cuidado.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

a. Procure na internet por notícias, relatórios, entrevistas ou vídeos que mostrem que o atual governo tem favorecido os bancos ao elevar as taxas de juros – prejudicando o povo e o acesso ao crédito – e também como as políticas econômicas do governo do Lula têm dificultado a vida das famílias brasileiras. Alguns links são:

b. Procure na internet por notícias, relatórios, entrevistas ou vídeos que mostrem que o atual governo tem favorecido os bancos ao elevar as taxas de juros – prejudicando o povo e o acesso ao crédito – e também como as políticas econômicas do governo do Lula têm dificultado a vida das famílias brasileiras. Alguns links são:

https://youtu.be/OzLCwQEBhAU?si=FisB7DJc_UlqHZZI

<https://youtu.be/sYvrRRZH4GE?si=gx--yzys4Jd58xti>

<https://youtu.be/NSlOrElf8V0?si=siwD6wiYGVixJpGe>

O PESO INVISÍVEL NOS OMBROS DE ALICE E CÉSAR

“

O pior é que o emprego deles também está em risco. Alice trabalha em uma empresa de médio porte, e recentemente seu chefe desabafou: A carga tributária sobre a folha de pagamento está sufocando o negócio. Se continuar assim, não sei se poderei manter todos os funcionários.”

O PESO INVISÍVEL NOS OMBROS DE ALICE E CÉSAR

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice sempre acreditou no valor do trabalho. Junto com seu marido, César, ela acorda cedo todos os dias, enfrenta transporte lotado e batalha para garantir uma vida digna para seus dois filhos, Ana e Lucas. A renda da família gira em torno de seis mil reais, e cada centavo precisa ser bem administrado. Mas, apesar de todo o esforço, Alice sente que o dinheiro nunca é suficiente. O motivo? O peso invisível dos impostos.

O mês mal começou e as contas já chegaram. A fatura de energia está mais cara. Alice olha os detalhes e percebe que cerca de 30% do valor corresponde a tributos. No mercado, o susto é ainda maior: carne, leite, arroz, tudo carregado de impostos que, em média, chegam a 20%. Quando abastecem o carro, quase 40% do valor do combustível é imposto. E o salário? Esse vem cheio de descontos antes mesmo de cair na conta, com o INSS e o Imposto de Renda levando até 27,5% do que César e Alice ganham.

Além disso, há os gastos inevitáveis com transporte, plano de saúde—que pagam por necessidade, pois o atendimento público é precário—e as compras para casa. O aluguel já compromete boa parte da renda, e o custo de vida só aumenta. Mas o mais revoltante para Alice não é o que ela paga, e sim o que recebe em troca. Seus filhos estudam em escola pública, mas as salas estão superlotadas, faltam materiais básicos e, recentemente, Ana precisou esperar meses para conseguir uma consulta médica pelo SUS. “Para onde está indo todo esse dinheiro?”, ela se pergunta.

César também sente o peso da tributação. O carro que compraram com muito sacrifício exige IPVA alto, combustível caríssimo e ainda precisa de manutenção constante por conta das ruas esburacadas. Quando César foi assaltado no caminho para o trabalho, não havia policiamento para ajudá-lo. Alice se pergunta: “Pagamos tanto, mas quando precisamos do Estado, ele não aparece.”

O pior é que o emprego deles também está em risco. Alice trabalha em uma empresa de médio porte, e recentemente seu chefe desabafou: “A carga tributária sobre a folha de pagamento está sufocando o negócio. Se continuar assim, não sei se poderei manter todos os funcionários.” César ouviu algo parecido na empresa onde trabalha. O patrão lamentou

que, além dos impostos diretos, precisa pagar tributos sobre cada funcionário contratado, que chegam a 35% da folha salarial. Isso torna inviável crescer e contratar mais pessoas. Se Alice ou César perderem o emprego, como vão sustentar a casa?

Alice começou a pesquisar mais sobre impostos e percebeu que grande parte do dinheiro arrecadado vai para sustentar uma máquina pública inchada e ineficiente. Enquanto isso, as famílias sofrem com serviços públicos precários e um custo de vida cada vez mais alto. O Brasil tem uma das maiores cargas tributárias do mundo, mas o retorno para a população é mínimo.

Ela compartilha sua indignação com outras mulheres e entende que só haverá mudança quando as pessoas se informarem, questionarem e escolherem representantes que realmente lutem contra essa exploração disfarçada de arrecadação.

Alice reflete sobre o futuro. Se o governo continuasse cobrando impostos excessivos das empresas, mais e mais empregos estariam em risco. Se nada mudasse, o sonho de uma vida mais digna para seus filhos ficaria cada vez mais distante. Ela olha para Ana e Lucas e pensa: “Se queremos um futuro melhor para nossos filhos, precisamos agir agora.”

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

A história de Alice é a história de muitas mulheres. O peso da tributação afeta diretamente suas famílias, seus sonhos e seu futuro. Mas juntas, mulheres bem informadas podem cobrar mudanças e transformar essa realidade. Com base nisso, responda e debata as questões abaixo:

- a.** *Como você se sente ao ver que uma parte significativa do que pagamos em contas e até mesmo do nosso salário é destinada a impostos, mas os serviços públicos deixam muito a desejar?*
- b.** *De que forma a alta tributação impacta a estabilidade dos empregos e o crescimento das empresas, afetando diretamente o nosso dia a dia?*
- c.** *Que ações você acredita que, enquanto cidadãs, podemos tomar para exigir uma melhor aplicação dos recursos públicos e, assim, transformar essa realidade?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

Muitas de nós sentimos frustração ao ver que, por exemplo, 30% do valor da conta de energia e até 27,5% do nosso salário são abatidos em impostos, enquanto os serviços públicos, como hospitais e escolas, continuam precisando de melhorias. Quando vemos que 40% do valor do combustível é imposto e que o dinheiro arrecadado não é usado para melhorar o transporte ou a segurança, a sensação é de abandono. Essa situação nos mostra que estamos pagando por serviços que não chegam a atender nossas reais necessidades.

Além disso, a alta tributação afeta diretamente a estabilidade dos nossos empregos. Quando os patrões precisam arcar com uma carga de até 35% sobre a folha de pagamento, eles ficam receosos de contratar novos funcionários ou até demitem, o que pode colocar nossos empregos em risco. Essa pressão impede o crescimento das empresas, prejudicando nossa renda e a segurança financeira das famílias.

Diante dessa realidade, é essencial que, como cidadãs, tomemos atitudes para mudar essa situação. Podemos começar nos informando melhor sobre o destino dos impostos e sobre como o dinheiro arrecadado está sendo usado. Participar de reuniões, assinar petições e cobrar nossos representantes são ações fundamentais para pressionar o governo a aplicar os recursos de forma mais justa. Além disso, é importante nos unirmos: participar de conselhos municipais, participar ou criar movimentos de direita, bem como usar as redes sociais para divulgar a situação. Isso pode fazer toda diferença! Juntas, podemos exigir mudanças na legislação e investir em serviços que realmente beneficiem a nossa comunidade.

Aqui estão algumas medidas práticas que um governo de direita conservador poderia adotar para melhorar a situação descrita na história de Alice e César, fundamentadas em princípios de responsabilidade fiscal, eficiência e verdadeira justiça social:

Reforma Tributária Regionalizada e Simplificada: Propor uma reforma que leve em conta as diferenças regionais do país. Essa medida prevê a criação de um sistema que, respeitando os princípios constitucionais, ajuste alíquotas de tributos como ICMS, IPVA e energia elétrica conforme índices de desenvolvimento econômico de cada região. Regiões com menor capacidade econômica teriam uma carga menor, incentivando o consumo e o investimento local, enquanto áreas mais desenvolvidas manteriam níveis de tributação que assegurem serviços públicos de qualidade.

Essa abordagem, além de promover justiça fiscal, respeita a autonomia dos estados e municípios, conforme previsto na Constituição.

Incentivos Fiscais para Pequenas e Médias Empresas Locais: Para fortalecer a base econômica e a geração de empregos, o governo pode oferecer incentivos fiscais e redução dos encargos sobre a folha de pagamento – atualmente em torno de 35% – para pequenas e médias empresas que invistam em qualificação profissional e desenvolvimento regional. Essa medida pode ser aplicada de forma escalonada, priorizando regiões com maior desemprego e menor produtividade, incentivando a formalização e o crescimento dos negócios sem desprezar os direitos trabalhistas e as garantias constitucionais.

Descentralização e Parcerias Público-Privadas para Infraestrutura: Considerando a imensidão territorial e a diversidade regional, é possível descentralizar os investimentos em infraestrutura por meio de parcerias público-privadas (PPPs) e consórcios regionais. Esses arranjos, que devem seguir os rigorosos critérios de transparência e fiscalização previstos na legislação, permitiriam melhorias em estradas, escolas, hospitais e sistemas de transporte, sempre adaptando os projetos às necessidades locais. Assim, a ação do Estado se torna mais próxima da realidade das comunidades, sem contrariar os preceitos constitucionais de descentralização e autonomia dos entes federados.

Modernização e Eficiência na Gestão Pública com Foco Regional: Para garantir que os recursos arrecadados sejam aplicados de forma eficiente e transparente, é fundamental modernizar a gestão pública. A criação de escritórios regionais de auditoria e controle pode ajudar a identificar desperdícios e direcionar investimentos prioritários em saúde, educação e segurança. Essa medida, além de melhorar a prestação dos serviços públicos, reforça os princípios da responsabilidade fiscal e da boa administração, em consonância com os dispositivos constitucionais que exigem a aplicação racional dos recursos públicos.

Essas medidas, elaboradas para oferecer soluções práticas e equilibradas que respeitem os limites constitucionais, além de reduzir o peso dos impostos sobre as famílias e estimular a economia, contribuem para a criação de um ambiente de negócios mais saudável, preservando a segurança social e promovendo o desenvolvimento de políticas que priorizem o bem-estar da população sem descuidar da responsabilidade fiscal.



Para mitigar os prejuízos do sistema tributário, duas outras medidas práticas que podem ser adotadas são: primeiro, incentivar o uso de plataformas de educação fiscal, que conscientizem sobre a carga tributária, como cursos e conteúdos que ensinam como otimizar impostos mais pesados. Segundo; apoiar políticas de transparência fiscal e monitoramento, como o “impostômetro” em São Paulo ou o “Janjômetro” que calcula os gastos da atual primeira-dama e sua equipe com viagens. Essas iniciativas já são vistas em outros países e também em algumas cidades brasileiras.

Essa reflexão é um chamado à ação para todas nós: se queremos um futuro melhor para nossos filhos, precisamos agir agora. Cada informação, cada reunião e cada mobilização conta para transformar essa realidade.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Você já procurou entender um pouquinho mais sobre como os impostos e o uso dos tributos impactam a vida dos cidadãos?

a. Assuma um compromisso com você mesma de assistir, pelo menos um vídeo por dia, com entrevistas do ex-Ministro Paulo Guedes (ou de outros membros de sua equipe) concedidas desde o início do Governo Bolsonaro até os dias de hoje, falando sobre economia e cobrança de impostos. Para achar esses vídeos no Youtube, basta colocar na barra de pesquisas “Ministro Paulo Guedes Entrevistas 2019 a 2022”.

ALICE E CÉSAR: QUANDO O BRASIL ESCORRE PELO RALO

“

Alice, porém, passou a ver as coisas por outro ângulo. Desde que começou a frequentar um grupo de mulheres que discutem cidadania e política, sua visão mudou.”

ALICE E CÉSAR: QUANDO O BRASIL ESCORRE PELO RALO

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice acorda todos os dias às 5h30. Lava o rosto, prepara o café, acorda os filhos – Ana, de 10 anos, e Lucas, de 7. César, seu marido, já está de pé desde antes, separando a marmitta que vai levar para o trabalho. Com o tempo cronometrado, eles se revezam entre o café da manhã das crianças, o uniforme escolar, a mochila, e a rotina de mais um dia comum. Com uma renda familiar de 6 mil reais, vivem como milhões de brasileiros: equilibrando pratos, sonhos e boletos.

Alice é auxiliar administrativa em uma escola da região. César é técnico de manutenção. Trabalham duro. Fazem tudo certo. E, ainda assim, vivem no limite. A mensalidade do convênio médico subiu. A conta de luz veio com taxa extra imposta pelo governo federal como forma de subsidiar os prejuízos causados pela gestão corrupta do próprio governo, ou seja, eles fazem as burradas e quem paga é o povo! O supermercado, então, nem se fala: virou um campo de batalha – a cada ida, é preciso riscar algo da lista. A filha Ana, que adora desenhar, pediu um curso de artes. Alice disfarçou, sorriu e disse “vamos ver”, mas já sabia que não ia dar.

A escola pública onde Ana estuda não oferece aula de arte há dois anos. O laboratório de ciências virou depósito. Os professores, cansados, fazem o que podem. Lucas, o caçula, começou a apresentar dificuldade em leitura. Alice tentou marcar uma reunião com a pedagoga, mas não havia horário – ela atende três escolas diferentes.

César, aos 44 anos, começa a sentir o peso da idade no mercado. Já foi dispensado uma vez por causa de uma “reestruturação”. Vê colegas mais jovens ocupando posições com salários menores e menos exigência de direitos. Tentou fazer um curso online, mas a plataforma era confusa, o certificado não tinha valor real. O medo de se tornar “inempregável” bate à porta – e não há política pública eficaz no país que atendam essas necessidades do povo.

O casal conversa à noite, depois que as crianças dormem. Com a TV desligada e a louça já lavada, partilham as dores do dia e um sentimento crescente de impotência. “A gente trabalha, paga imposto, ensina os filhos a respeitar as leis, e mesmo assim parece que tudo está desmoronando”, diz César.

Alice, porém, passou a ver as coisas por outro ângulo. Desde que começou a frequentar um grupo de mulheres que discutem cidadania e política, sua visão mudou. Descobriu que o que parece “natural” – escola ruim, saúde precária, salário achatado – é fruto de decisões políticas concretas, muitas vezes tomadas sem que o povo sequer perceba.

Ela descobriu que o orçamento da cidade é público. Que todo município tem um Plano Plurianual (PPA), uma Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e uma Lei Orçamentária Anual (LOA) – documentos que dizem para onde vai o dinheiro dos impostos. Descobriu que cidadãos comuns podem participar das audiências públicas, propor emendas populares e até exigir a fiscalização dos contratos firmados com empresas. Não é fácil. Mas é possível.

César ficou impressionado. Ele não sabia que o vereador pode – e deve – ser cobrado por seus votos e projetos. Que conselhos municipais de saúde e educação estão abertos para a população. Que existem formas legais de solicitar informações através da Lei de Acesso à Informação. “Parece complicado, mas é como qualquer outro ofício. A gente aprende se tiver orientação”, ele disse.

E aprenderam. Participaram juntos de uma audiência pública sobre o plano diretor da cidade. Alice levou a demanda das mães da escola para a reunião do conselho escolar. César reuniu três vizinhos para protocolar um pedido de informação sobre a contratação de mão de obra na prefeitura. Era pouco. Mas era um começo.

“A gente achava que política era só no ano da eleição. Agora entendo que é todo dia. Quando não participamos, deixamos outros decidirem por nós. E geralmente, eles não estão pensando na gente”, diz Alice.

Ela passou a estudar os dados. Viu que municípios que investem em ensino técnico gratuito e integrado com o setor produtivo reduzem o desemprego juvenil e melhoram a renda das famílias. Que cidades que implantaram “salas do empreendedor” com apoio jurídico e contábil ajudaram mães a abrirem seus próprios negócios. Que quando há participação popular real, as políticas públicas funcionam melhor e com menos corrupção.

César também mudou. Percebeu que não é tarde para recomeçar. Descobriu um programa municipal de capacitação técnica com bolsas para maiores de 40 anos. Começou um curso de automação industrial e já pensa em fazer mais um. Disse para o filho: “O papai tá voltando a estudar também.”

Aos poucos, a indignação deu lugar à ação. Eles não vão salvar o Brasil sozinhos. Mas se conseguirem melhorar a escola do bairro, ajudar um vizinho a se requalificar, pressionar um vereador a votar com responsabilidade – já estarão sendo parte da mudança.

Porque quando o Brasil escorre pelo ralo, ele começa pela escola que não ensina, pelo hospital que não atende, pelo trabalho que não valoriza. Mas quando o Brasil é cuidado, ele começa pela mãe que se informa, pelo pai que se envolve, pela família que decide participar.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

a. Alice descobriu que o dinheiro dos impostos tem um destino definido em documentos como o Plano Plurianual e a Lei Orçamentária Anual. Como vocês acham que saber para onde vai o dinheiro público pode mudar a forma como a gente cobra os governantes no dia a dia?

b. Alice começou a mudar quando entrou em um grupo de mulheres que discutiam cidadania. Como vocês acham que um grupo como esse poderia ajudar outras mulheres a entenderem melhor a política e se sentirem mais confiantes para cobrar mudanças, como ela fez na escola?

c. César diz que ‘quando não participamos, deixamos outros decidirem por nós’. Pensando na nossa cidade, que decisões vocês acham que estão sendo tomadas sem a nossa voz, e o que poderíamos fazer juntos para começar a mudar isso, mesmo que seja algo pequeno?

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

Pense numa mãe que batalha para pagar as contas e quer um emprego melhor, ou numa jovem que sonha ser uma enfermeira ou programadora. Agora imagine que o caminho delas é bloqueado: escolas públicas sem laboratórios, cursos técnicos que nunca saem do papel e verbas desviadas por políticos corruptos. Esse atraso brasileiro em formar profissionais capacitados não é por acaso. É fruto de políticas públicas que priorizam interesses de poucos em vez de educação de qualidade e treinamento para o mercado atual. Enquanto países como Coreia do Sul cresceram investindo em ensino técnico, aqui a corrupção engole o dinheiro dos impostos – superfaturando obras inúteis, enchendo bolsos de quem já tem muito ou, até mesmo, investindo em um ensino superior com a única finalidade de doutrinar. O resultado nos atinge diretamente: mulheres desempregadas, salários baixos e filhos sem perspectiva.

Dá pra sentir o peso disso no bolso e na esperança. Mas há saída: podemos cobrar vereadores nas audiências públicas, exigir que o orçamento vá para cursos e creches, não para corrupção, e usar a Lei de Acesso à Informação para fiscalizar. Quando a gente se informa e participa, transforma o futuro – nosso e das nossas famílias.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

a. *Converse com empresárias/empresários+69 que você conheça e pergunte qual é a percepção delas/deles sobre a quantidade e a qualidade da mão de obra existente e se há falta de pessoas especializadas para trabalharem nas empresas.*

b. *Liste os cursos que poderiam ser criados suprir essas necessidades e, como grupo ALICERÇADAS, encaminhem oficialmente um pedido de criação desses cursos para prefeitura (independentemente de Partido) e para vereadores do PL ou alinhados à direita solicitando a implantação desses cursos.*

c. *Acesse o YouTube – Pesquise por “lives do Presidente Bolsonaro 2020” (ou 2021) – Assista, pelo menos, três lives em uma semana – Procure comparar a realidade da época das lives (pontos positivos e negativos) com o que está acontecendo hoje em nosso país.*



TEXTO 6

COLOQUE A AGENDA WOKE PARA DORMIR: SURGE UMA NOVA ESPERANÇA PARA ALICE E SUA FAMÍLIA



Um dia, Ana voltou da escola falando de “identidades fluidas” e “expressão de gênero”, termos que confundiam sua cabecinha de 10 anos. Lucas, mais velho, contava que professores insistiam em debates sobre feminismo radical e de toxicidade da masculinidade (...)

COLOQUE A AGENDA WOKE PARA DORMIR: SURGE UMA NOVA ESPERANÇA PARA ALICE E SUA FAMÍLIA

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice, 40 anos, acordava cedo todos os dias em sua casa simples no interior de São Paulo. Ela trabalhava como analista em uma empresa de logística, enquanto César, seu marido de 43 anos, era supervisor em uma fábrica local. Juntos, ganhavam R\$ 7 mil por mês, o suficiente para sustentar a família e garantir o básico para Ana, de 10 anos, que cursava o 5º ano, e Lucas, de 14 anos, que estava no 9º ano, ambos em uma escola pública do bairro. A vida parecia tranquila: café da manhã com pão na chapa, conversas sobre o dia e sonhos de um futuro melhor para os filhos. Mas, ultimamente, algo incomodava o casal.

Um dia, Ana voltou da escola falando de “identidades fluidas” e “expressão de gênero”, termos que confundiam sua cabecinha de 10 anos. Lucas, mais velho, contava que professores insistiam em debates sobre feminismo radical e de toxicidade da masculinidade, muitas vezes ridicularizando valores tradicionais. Na TV, programas infantis traziam mensagens que pareciam querer erotizar adolescentes, com personagens questionando tudo o que Alice e César ensinaram sobre família e moral. “Isso não está certo”, pensava Alice, sentindo um aperto no coração. César concordava: “Nossos filhos precisam aprender coisas úteis, como matemática, história, e valores que os preparem para a vida, não essas ideias estranhas”.

A situação piorou numa noite de quinta-feira. Ana chegou chorando da escola. “Mãe, a professora disse que eu não preciso ser menina. Mas eu gosto de ser menina! Por que ela disse isso?” Lucas, quieto no canto, completou: “No meu grupo, falaram que ser homem é errado, que machuca as pessoas. Pai, eu não entendo!” Alice sentiu o chão sumir. Aquilo não era só conversa de escola; era uma pressão para mudar o que seus filhos acreditavam. César, vermelho de raiva, disse: “Isso é doutrinação! Não vamos deixar isso continuar”. Naquela noite, o casal decidiu: precisavam agir para proteger Ana e Lucas.

Alice começou a pesquisar. Descobriu que essas ideias vinham de algo chamado “Agenda Woke”⁴, que estava nas escolas, na TV e até nas empresas onde trabalhavam. Na firma de César, um novo departamento de “inclusão e equidade” exigia treinamentos sobre “linguagem neutra”. Na empresa de Alice, colegas eram pressionados a apoiar causas que nem todos entendiam. O pior? Parecia que ninguém podia discordar sem ser chamado de intolerante.

No sábado, Alice convidou amigas do bairro para um café. Eram mães como ela, preocupadas com o que os filhos aprendiam. “Como vamos proteger nossas crianças?”, perguntou uma delas. Algumas sugeriram tirar os filhos da escola pública, mas Alice e César não tinham dinheiro para escola particular. Outras falaram em reclamar com a diretoria, mas tinham medo de retaliação. Alice sentia o peso da dúvida: “Será que estou exagerando? E se for só uma fase?” Mas, ao lembrar do choro de Ana, ela sabia que precisava lutar.

Para aliviar a tensão e aumentar os laços familiares, Alice e César decidiram passar um domingo diferente com os filhos. Levaram Ana e Lucas para um piquenique no parque. Enquanto as crianças brincavam, César contou histórias de sua infância, quando valores como respeito e trabalho eram o foco. Ana riu, desenhando flores no caderno, e Lucas jogou bola com o pai. Por um momento, a família sentiu esperança. Alice pensou: “Se conseguirmos proteger isso, vai valer a pena”.

Mas a luta não seria fácil. Na segunda-feira, Alice soube que a escola planejava um evento sobre “diversidade de gênero” para os alunos. Era demais. Ela e César marcaram uma reunião com a diretoria. Sozinhos, se sentiam pequenos diante do sistema. “E se não nos ouvirem?”, perguntou César. Alice, com lágrimas nos olhos, respondeu: “Não podemos desistir. É pelos nossos filhos”.

Na reunião, a diretora foi fria. “Esses conteúdos são parte do currículo. Não podemos mudar”. Alice sentiu um vazio. Era como se tudo estivesse perdido, como se a Agenda Woke fosse invencível, engolindo a infância de Ana e Lucas. Mas, naquela noite, algo mudou. Alice viu uma notícia em um canal de direita do YouTube: nos Estados Unidos, com a nova presidência de 2025, leis estavam limitando conteúdos woke nas escolas, nos órgãos públicos e nas empresas. A indústria cinematográfica também estava mudando. Na Europa, pais também se uniam contra essas ideias. “Se eles podem, nós também podemos”, pensou Alice.

Inspirada, ela reuniu novamente suas amigas. Dessa vez, o grupo cresceu: 12 mulheres, todas mães, prontas para agir. Juntas, decidiram criar uma associação de pais para fiscalizar o currículo escolar e propor conteúdos baseados em valores conservadores, como ética, família e preparação profissional. Alice tomou a frente, escrevendo uma carta à Secretaria de Educação, exigindo transparência sobre o que era ensinado. “Não queremos briga”, dizia a carta, “queremos que nossos filhos aprendam o que realmente importa”.

Semanas depois, a pressão deu resultado. A escola aceitou revisar o evento e incluir os pais na discussão do currículo. Não era uma vitória total, mas era um começo. Alice sentiu orgulho. Ela havia mudado – de uma mãe assustada, tornou-se uma líder. Olhando para Ana e Lucas, ela sorriu: “Vamos construir um futuro melhor para vocês”.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

- a. *Você já percebeu mudanças nos conteúdos que seus filhos recebem na escola ou assistem na televisão, especialmente sobre identidade de gênero, família e sexualidade? Como você se sentiu (ou se sentiria) diante disso?*
- b. *Na história, Alice e César decidiram agir para proteger os valores da família. Que atitudes práticas você já tomou – ou gostaria de tomar – para preservar a educação moral e proteger as emoções dos seus filhos?*
- c. *Você acredita que é possível influenciar positivamente a escola ou outros ambientes em que nossos filhos estão inseridos? Que ideias ou caminhos você enxerga como possíveis nessa missão?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

O que é a Agenda Woke e por que ela preocupa famílias com valores tradicionais

A Agenda Woke é um conjunto de ideias que promove mudanças radicais em temas como gênero, família e sociedade, muitas vezes em conflito com os valores tradicionais de uma família brasileira comum.

Para uma família que valoriza a ética, o respeito e a preparação para a vida prática, essa agenda pode trazer impactos negativos significativos, especialmente no desenvolvimento moral e emocional de crianças e adolescentes. Abaixo, são apresentados os principais pontos negativos, com exemplos práticos, sob a perspectiva de uma família conservadora.

NA PRÁTICA, A AGENDA WOKE TEM PROMOVIDO:

Confusão na Identidade das Crianças: *A Agenda Woke frequentemente incentiva crianças a questionarem sua identidade de gênero desde cedo, sugerindo que ser menino ou menina é uma escolha fluida. Em escolas, professores podem introduzir termos como “não-binário” ou “identidade fluida” para alunos do ensino fundamental, como no caso de uma criança de 10 anos sendo incentivada a “explorar” sua identidade sem entender o que isso significa. Para uma família tradicional, isso gera*

confusão, já que acreditam que crianças devem crescer com segurança em sua biologia e papéis naturais antes de enfrentar debates complexos. Essa abordagem woke pode afastar os filhos dos valores familiares, criando um conflito interno desnecessário, como aconteceu com Ana e Lucas na história.

Erotização Precoce de Crianças e Adolescentes: Outro ponto negativo é a erotização promovida em conteúdos infantis e adolescentes, como programas de TV e redes sociais que apresentam temas sexuais de forma explícita ou romantizam comportamentos inadequados para a idade. Por exemplo, séries voltadas para pré-adolescentes podem mostrar personagens de 13 anos explorando relações amorosas intensas ou questionando normas de maneira sensualizada. Para uma família que preza a inocência da infância e a preparação gradual para a vida adulta, isso é visto como uma violação da proteção que as crianças merecem, tirando delas a chance de amadurecer no tempo certo.

Enfraquecimento dos Valores Familiares: A Agenda Woke muitas vezes ridiculariza valores tradicionais, como o papel da família nuclear (pai, mãe e filhos) – tratando os pais como obstáculos ao progresso – ou ainda quanto a importância da religião. Em palestras escolares, pode-se ouvir que “famílias tradicionais são ultrapassadas” ou que “qualquer arranjo familiar é igual”. Para uma família conservadora, isso desvaloriza a base que sustenta sua visão de mundo, na qual a união entre homem e mulher é essencial para criar filhos com estabilidade emocional e moral. Essa crítica constante pode levar os filhos a desrespeitarem os pais ou a questionarem ensinamentos que antes eram sólidos.

Pressão nas Empresas e na Vida Social: A Agenda Woke também afeta os pais, com políticas de “inclusão e equidade” nas empresas que exigem apoio a causas específicas, como linguagem neutra ou celebração de eventos que nem todos compartilham. Por exemplo, um pai pode ser obrigado a participar de treinamentos que o façam sentir que seus valores são “errados” ou “intolerantes”. Isso cria um clima de medo, no qual discordar significa correr risco de ser julgado ou até demitido. Para a família, é uma invasão de sua liberdade de crença, dificultando a criação dos filhos com os princípios que escolheram.

Feminismo exacerbado e divisivo: Em vez de defender a dignidade da mulher com base na complementaridade entre homem e mulher, a Agenda Woke frequentemente ensina meninas a verem os meninos e

os homens como inimigos. Isso incentiva o confronto entre os sexos, em vez de promover o respeito mútuo e a colaboração dentro da família e, por consequência, na sociedade como um todo, pois a família é a célula mater da sociedade.

Doutrinação em vez de Educação: Nas escolas, conteúdos woke frequentemente substituem disciplinas práticas, como matemática ou história, por debates ideológicos. Um aluno pode passar mais tempo discutindo “privilégios” do que aprendendo habilidades úteis para o mercado de trabalho. Para uma família tradicional, isso é uma perda de tempo precioso, já que desejam que os filhos sejam preparados para a vida profissional e tenham uma formação moral sólida, baseada em respeito, trabalho duro e responsabilidade, não em ideologias que dividem a sociedade.

Essas práticas representam riscos concretos para a estrutura familiar, pois interferem diretamente na formação das crianças e no papel dos pais. Como na história de Alice, muitas famílias já perceberam que, se não agirem, perderão o direito de educar seus filhos segundo os seus valores.

Em resumo, para uma família com valores tradicionais, a Agenda Woke é vista como uma força que confunde crianças, erode a inocência, enfraquece a família e pressiona todos a adotarem ideias que nem sempre refletem a realidade ou o bem-estar coletivo. Proteger os filhos exige diálogo aberto, união com outras famílias e ações práticas, como fiscalizar currículos escolares, para garantir que a educação respeite os valores que sustentam a sociedade brasileira.

A boa notícia é que **pais e mães conscientes podem resistir com sabedoria e união.** Participar de reuniões escolares, acompanhar de perto o conteúdo das aulas, organizar grupos de mães e buscar representação política são caminhos concretos para proteger aquilo que mais importa: a formação moral e emocional das próximas gerações.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

a. Vamos aprofundar um pouquinho na questão Woke? Tire um tempo para assistir a entrevista no podcast *Conversa Paralela CULTURA Woke* | com Josiane Haese e Jota. Acesse o link abaixo (ou digite esse título na busca do YouTube) e conheça um pouco mais desse mal que ameaça as nossas famílias.
https://youtu.be/uSTbD_NmKQQ?si=RCT2dHYMC4Ake0rz

b. Hora de investigar: Tendo assistido à entrevista acima, que tal dar uma olhada em um filme ou desenho animado que seus filhos, netos ou sobrinhos estejam assistindo e tentar detectar cenas ou partes específicas em que assuntos dessa agenda woke estejam sendo inseridos?

c. Faça a mesma procura nos livros escolares que eles estão usando na escola. Se encontrarem algo, reúnam-se e programem uma reclamação formal na escola, na secretaria de educação e na Câmara Municipal.



A ESCOLHA DE LUCAS: UM DILEMA SOBRE O FUTURO

“

Enquanto isso, Ana observava tudo em silêncio. Aos 13 anos, ela começava a pensar em seu próprio futuro. Lucas era seu herói, e suas escolhas a intrigavam. Será que ela também teria que enfrentar esse dilema algum dia?”

A ESCOLHA DE LUCAS: UM DILEMA SOBRE O FUTURO

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Era uma noite tranquila em uma pequena cidade do interior do Brasil. A família se reunia à mesa para o jantar, mas o clima estava longe de ser leve. Alice, uma mulher de 43 anos com uma expressão preocupada, servia o jantar enquanto seu marido, César, de 46 anos, tentava manter a conversa animada. Ana, a filha de 13 anos, brincava com seu garfo, alheia às tensões, mas Lucas, o filho de 17 anos, estava visivelmente inquieto. Ele estava prestes a terminar o ensino médio, e o momento de decidir seu futuro estava chegando rapidamente.

Lucas quebrou o silêncio: “Mãe, pai, eu não sei o que fazer. Todo mundo diz que eu preciso ir para a universidade pública, mas eu ouvi tantas coisas ruins sobre o que acontece lá... doutrinação, festas, drogas. Eu quero aprender algo útil, algo que me dê um bom emprego logo.”

Alice olhou para César, ambos compartilhavam a mesma preocupação. Eles sabiam que as universidades brasileiras, especialmente as públicas, estavam repletas de ideologias esquerdistas que muitas vezes ofuscavam o verdadeiro propósito da educação. Além disso, o Brasil enfrentava um problema sério de empregabilidade e de produtividade: o país está cheio de diplomados desempregados ou em subempregos.

Segundo dados recentes, o Brasil ocupava a 57ª posição no ranking mundial de produtividade⁵ (RMP), entre as 62 maiores economias do mundo. O ranking é um índice que mede a eficiência com que os recursos humanos e materiais são utilizados para gerar bens e serviços. Essa baixa colocação refletia falhas estruturais, incluindo a má preparação da mão de obra, em especial, devido a um sistema de educação ineficiente que gasta muito e rende pouco.

César, sempre prático, disse: “Lucas, o Brasil tem uma das piores produtividades do mundo. Isso afeta tudo: o crescimento econômico, os salários, a qualidade de vida. Se você escolher um caminho que te prepare bem para o mercado de trabalho, você estará à frente de muitos.”

Lucas concordou, mas ainda parecia indeciso. Ele tinha ouvido falar de cursos técnico-profissionalizantes que preparavam os alunos para profissões tecnológicas, áreas onde a procura por mão de obra qualificada era alta e a oferta, escassa. Profissões como técnico em informática, desenvolvedor de software, técnico em redes de computadores, especialista

5 - Produtividade no ranking mundial mostra o quão bem um país transforma seus recursos – como trabalhadores, tecnologia e capital – em bens e serviços, medindo a eficiência econômica. Esse ranking compara países que, mesmo tendo os mesmos insumos, conseguem produzir quantidades diferentes de resultados. Por exemplo, enquanto cada trabalhador brasileiro gera, em média, cerca de 21 dólares por hora, na Polônia – que ocupa a primeira posição – cada trabalhador produz aproximadamente 48 dólares por hora. Isso demonstra que a Polônia utiliza seus recursos de forma mais eficaz, tornando sua economia mais competitiva. Essa diferença evidência o quanto fatores como tecnologia avançada, melhor educação e infraestrutura forte contribuem para resultados muito superiores na economia do país líder. Essa comparação reforça a necessidade de investimentos (em especial na educação) e melhorias estruturais para o Brasil aumentar sua eficiência e competitividade no cenário global.

em inteligência artificial e analista de sistemas eram opções que ele considerava. Esses cursos, geralmente mais curtos e focados, prometiam uma inserção rápida no mercado e salários bem atrativos.

Enquanto isso, Ana observava tudo em silêncio. Aos 13 anos, ela começava a pensar em seu próprio futuro. Lucas era seu herói, e suas escolhas a intrigavam. Será que ela também teria que enfrentar esse dilema algum dia?

Alice, por sua vez, estava dividida. Ela sempre sonhou em ver seu filho com um diploma universitário, um símbolo de status e conquista na sociedade brasileira. Mas as histórias de jovens que mudavam para pior ao ingressar nas faculdades a assustavam. Um caso recente ficou na sua memória: um grupo de estudantes de uma universidade pública foi preso por pixação e consumo de drogas durante uma festa no campus. Relatos de bebedeiras, vandalismo e outras atividades desvinculadas do ensino eram comuns, especialmente em cursos de humanas, onde a doutrinação ideológica parecia mais forte.

No dia seguinte, Lucas encontrou seus amigos João e Mariana, ambos calouros numa universidade estadual. Sentados num banco da praça, eles compartilharam suas experiências. João, animado, disse: “A universidade é incrível! Tem debates, festas, liberdade. Mas, sim, alguns professores empurram ideias estranhas o tempo todo. Às vezes, sinto que aprendo mais ideologia do que conteúdo.”

Mariana, mais reservada, completou: “É verdade. Eu faço engenharia, mas vejo colegas de humanas que saem despreparados. E o mercado não perdoo. Muitos formados estão desempregados ou em empregos ruins.”

Essas conversas deixaram Lucas ainda mais confuso. Ele pesquisou sozinho e descobriu que profissões técnicas tinham empregabilidade acima de 90% em algumas regiões. Os cursos, com duração de um a dois anos, eram práticos e focados, ao contrário dos quatro ou cinco anos de universidade, muitas vezes repletos de disciplinas teóricas desconexas. Mas a pressão social por um diploma ainda pesava.

A dúvida era clara: optar por um diploma de nível superior, com todos os seus riscos, ou por um ensino técnico-profissionalizante que preparasse Lucas como mão de obra especializada em tecnologia? O Brasil precisava desesperadamente de profissionais qualificados. Um estudo apontava que, apesar de ter uma das maiores populações de jovens do

mundo, a maioria não possuía as habilidades demandadas pelo mercado. Isso contribuía para a baixa produtividade e dificultava o desenvolvimento econômico do país.

Alice participava de um grupo de doze mulheres que se reunia semanalmente para discutir política sob uma ótica feminina. Elas estavam atentas aos problemas educacionais e de produtividade no Brasil. Em uma das reuniões, Alice desabafou: “Meu filho está prestes a tomar uma decisão importante, e eu não sei o que é melhor para ele. As universidades estão cheias de ideologias que não preparam os jovens para o mercado. Por outro lado, os cursos técnicos podem ser uma saída, mas será que são valorizados o suficiente?”

Uma professora de ensino técnico respondeu: “Alice, os cursos técnico-profissionalizantes são uma excelente opção. Eles preparam para profissões específicas e altamente demandadas. A escassez de mão de obra qualificada no Brasil significa que os empregadores pagam bem por esses profissionais. É uma solução ganha-ganha. Existem vários exemplos de países que são bem sucedidos por causa dos investimentos na formação de mão de obra especializada e qualificada por meio de cursos técnicos profissionalizantes”.

Uma empresária local completou: “A baixa produtividade do Brasil está ligada à qualidade da nossa mão de obra. Se mais jovens optarem por cursos técnicos, podemos mudar essa realidade. Isso impactaria o desenvolvimento econômico e a vida de todos.”

Animada com o resultado de suas conversas, Alice levou as ideias para casa. Junto com César e Lucas, eles pesquisaram mais. Lucas encontrou um curso de técnico em inteligência artificial que parecia perfeito, pois aprenderia habilidades que o mercado está procurando desesperadamente. A decisão de Lucas influenciaria não só o seu futuro, mas o da família e, em alguma escala, o do país.

Mesmo diante do avanço, Alice e César continuavam preocupados. O medo de escolher errado os assustava. Mas uma mudança de perspectiva veio do grupo de mulheres. Durante uma reunião, elas trabalhando em propuseram uma ação concreta: Iriam propor aos seus vereadores e prefeitos um programa de parceria entre escolas técnicas e empresas locais, que ofereceria estágios e empregos aos alunos. Também sugeririam um sistema de monitoramento para garantir que os cursos fossem práticos e livres de ideologias.

Alice apresentou a ideia à família. Lucas, empolgado, decidiu pelo curso técnico, confiante de que teria uma carreira promissora. A família o apoiou, vendo nisso uma chance de romper com as falhas do sistema educacional brasileiro – falhas que os governos pouco faziam para corrigir. Políticas públicas mal direcionadas perpetuavam a baixa produtividade, menosprezando o potencial dos cursos técnicos para transformar a mão de obra e impulsionar a economia.

O grupo de mulheres, liderado por Alice, decidiu agir nos municípios e no estado. Elas planejaram pressionar as prefeituras e o governo estadual por mais investimentos em cursos técnicos de qualidade e por medidas contra a doutrinação nas universidades. Era um passo pequeno, mas concreto, para um Brasil mais produtivo e promissor.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

A história da família de Alice e César reflete os desafios de muitas famílias brasileiras. A escolha entre universidade e ensino técnico é complexa, mas, com informação e apoio, pode beneficiar o indivíduo e a sociedade. Considerando essas realidades, vamos refletir um pouco:

- 1. Como a baixa produtividade do Brasil afeta a vida das famílias e o futuro dos jovens?*
- 2. Você acredita que a doutrinação ideológica nas universidades brasileiras compromete a preparação dos jovens para o mercado de trabalho? De que forma ela comprometeria?*
- 3. Quais são as vantagens e desvantagens de optar por um curso técnico-profissionalizante em vez de um diploma universitário, especialmente em áreas tecnológicas?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

No contexto global, os cursos técnicos profissionalizantes, ou ensino técnico e vocacional (TVET), têm se mostrado uma estratégia eficaz para preparar indivíduos para o mercado de trabalho e aumentar a produtividade nacional. No Brasil, onde a baixa produtividade (57ª posição entre 62 economias globais) reflete a escassez de mão de obra qualificada, o TVET pode ser uma solução promissora. Este relatório explora como esses cursos superam os universitários em certos cenários e apresenta exemplos de países que colheram benefícios significativos ao investir em TVET.

Os cursos técnicos oferecem vantagens claras:

Empregabilidade Imediata: Dados globais mostram que graduados em TVET têm altas taxas de empregabilidade. Na Alemanha, por exemplo, o sistema dual garante que quase todos os aprendizes sejam contratados após a formação, com uma taxa de desemprego juvenil de apenas 6,4% em 2017 (Federal Foreign Office).

Alinhamento com a Indústria: A colaboração com empresas assegura que os currículos sejam relevantes. Na Dinamarca, mais de 100 programas técnicos são ajustados às demandas do mercado, resultando em uma força de trabalho altamente qualificada ([Ministry of Children and Education] (<https://eng.uvm.dk/upper-secondary-education/vocational-education>)).

Alinhamento com a Indústria: A colaboração com empresas assegura que os currículos sejam relevantes. Na Dinamarca, mais de 100 programas técnicos são ajustados às demandas do mercado, resultando em uma força de trabalho altamente qualificada (Ministry of Children and Education).

Menor Duração e Custo: Com duração média de 1 a 2 anos, os cursos técnicos são mais rápidos e acessíveis que os universitários, que podem levar 4 a 5 anos. Em Singapura, o governo subsidia cursos via SkillsFuture, tornando o TVET financeiramente viável (NCEE Singapore).

Flexibilidade e Progressão: Sistemas como o da Suíça permitem que alunos técnicos avancem para universidades de ciências aplicadas, garantindo mobilidade educacional (Swiss Federal Department).

Apoio ao Aprendizado Contínuo: Na Finlândia, o TVET é projetado para aprendizado ao longo da vida, com planos de desenvolvimento personalizados que reduzem o tempo de estudo (Finnish National Agency).

Os cursos universitários são valiosos para desenvolver habilidades analíticas e conhecimento teórico, mas frequentemente falham em preparar os alunos para demandas específicas do mercado. No Brasil, a doutrinação ideológica em algumas universidades, especialmente em cursos de humanas, pode desviar o foco da formação prática, resultando em graduados menos preparados para o mercado. Em contrapartida, o TVET oferece treinamento especializado, como em tecnologia da informação ou manufatura, que atende diretamente às necessidades das empresas.

Por exemplo, na Suíça, 2/3 dos jovens optam por TVET, e a taxa de empregabilidade é comparável à de graduados universitários, com a vantagem de entrada mais rápida no mercado. Na Alemanha, profissionais técnicos muitas vezes superam graduados universitários em empregabilidade inicial, especialmente em setores como engenharia e tecnologia.

EXEMPLOS DE SUCESSO GLOBAL

Alemanha: O sistema dual, com raízes medievais, combina teoria e prática, com 47,2% da população possuindo qualificação técnica. Ele oferece carreiras estáveis, reduzindo desigualdades e promovendo estabilidade econômica. Isso sustenta a liderança em indústrias como automotiva e mantém o desemprego juvenil baixo (Federal Foreign Office).

Suíça: O TVET é a escolha de 2/3 dos jovens, oferecendo 250 profissões. A baixa taxa de desemprego juvenil e a possibilidade de progressão educacional fortalecem a economia (Swiss Federal Department). A flexibilidade do TVET permite mobilidade social, com muitos profissionais técnicos alcançando posições de liderança.

Dinamarca: Com forte envolvimento de parceiros sociais, o TVET atende a mais de 50% dos alunos do ensino médio, oferecendo programas que vão de carpintaria a tecnologia. A baixa taxa de desemprego reflete a eficácia do sistema. A alta empregabilidade fortalece comunidades locais, com trabalhadores qualificados sustentando a economia.

Finlândia: O TVET é valorizado por 90% da população, com 40% dos jovens optando por ele. A flexibilidade e a elegibilidade para ensino superior garantem empregabilidade e aprendizado contínuo. O foco em aprendizado contínuo capacita trabalhadores para adaptações tecnológicas, promovendo resiliência.

Singapura: Desde a criação do Instituto de Educação Técnica em 1992, o TVET foi modernizado para atender a indústrias de alta tecnologia. O programa SkillsFuture promove requalificação, reduzindo desigualdades e impulsionando a economia. A redução da desigualdade de renda (coeficiente de Gini de 0,478 em 2007 para 0,452 em 2019) reflete o impacto social do TVET, com trabalhadores mais qualificados acessando melhores oportunidades.

Austrália: O setor de ensino técnico atende às demandas do mercado em áreas como saúde e construção, garantindo uma oferta constante de profissionais qualificados e contribuindo para a estabilidade econômica.

RELEVÂNCIA PARA O BRASIL

No Brasil, a baixa produtividade e a escassez de mão de obra qualificada são desafios críticos. Investir em TVET, inspirado nos modelos de sucesso global, pode aumentar a empregabilidade, especialmente em setores como tecnologia, onde a demanda por profissionais como técnicos em informática e desenvolvedores de software é alta. Além disso, o TVET pode reduzir a dependência de diplomas universitários, muitas vezes inacessíveis ou desalinhados com o mercado, promovendo um crescimento econômico mais inclusivo.

CONCLUSÃO

Os cursos técnicos profissionalizantes oferecem uma alternativa eficiente aos cursos universitários, proporcionando empregabilidade imediata, habilidades práticas e custos reduzidos. Países como Alemanha, Suíça, Dinamarca, Finlândia e Singapura demonstram que o TVET não apenas aumenta a produtividade, mas também melhora a qualidade de vida, reduzindo desemprego e desigualdades. Para o Brasil, adotar um sistema de TVET robusto pode ser a chave para superar os desafios de produtividade e construir uma economia mais competitiva e equitativa⁶.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Como proposta de ação dessa semana, vamos pesquisar se no nosso município existe algum programa ou projeto relacionado a:

- *Incentivo à realização de cursos de formação técnica ou profissionalizante semelhantes aos TVET que foram mencionados no item ILUMINAR;*
- *Incentivo ao aumento da empregabilidade dos jovens e adultos;*
- *Incentivo ao aumento da produtividade e diminuição do desperdício.*

Caso não existam, vamos preparar para a nossa próxima reunião um planejamento para que possamos cobrar dos nossos vereadores, prefeito, deputados estaduais e governador que apresentem medidas concretas de atuação nessas temáticas.

TEXTO 8

O ECO DO MEDO E AS CORRENTES INVISÍVEIS

“

Os rostos se acendiam com a força de quem sabia que, mesmo em pequenos grupos, quando unidas, eram poderosas.”

O ECO DO MEDO E AS CORRENTES INVISÍVEIS

1) VER (História de vida para preparar os debates)

A casa de Letícia estava toda limpinha, arrumada e decorada com algumas flores. O irresistível cheiro de pão de queijo assando no forno tomava conta da sala. Era noite de encontro presencial do grupo ALICERÇADAS, e, como sempre, o ambiente transbordava acolhimento.

Sofá macio, almofadas espalhadas, uma mesa preparada para receber os quitutes que cada uma das meninas traria para o lanche ao final da reunião. O grupo crescia mês a mês, fortalecido por laços de amizade, fé e esperança.

Após uma oração agradecendo pela vida e pela oportunidade de estarem juntas, Letícia anunciou:

– Hoje, queria fazer algo um pouco diferente. Quero ouvir histórias reais. Histórias sobre o que temos vivido em nossas comunidades.

As mulheres se entreolharam. Um leve desconforto pairou no ar, até que Evelyn, uma das mais jovens, começou:

– Na minha rua, tivemos quatro assaltos este mês. Um deles, na padaria. O bandido foi preso com o dinheiro no bolso. Mas sabem o que aconteceu? Foi liberado no dia seguinte. Audiência de custódia. No sábado, assaltou de novo.

Um suspiro coletivo ecoou. Em seguida, foi a vez de Marta compartilhar:

– Minha sobrinha foi abordada no ônibus. Um homem tentou agarrá-la. Conseguiram deter o sujeito... e adivinhem? Ele já tinha histórico de abuso. E estava solto, recorrendo em liberdade, graças àquela decisão que proíbe prisão em segunda instância.

As histórias fluíam, cada uma mais angustiante que a outra.

Adriana, com olhos marejados, desabafou:

– Na minha comunidade, o PCC decretou toque de recolher. Às oito da noite, todo mundo tem que trancar a casa. Quem não obedece, some.

Carla, inconformada, levantou a voz:

– E o que o atual governo do Lula fez? Cortou registros de armas de civis em 79%, desarmou cidadãos de bem, enquanto as facções continuam armadas até os dentes! Na minha rua, o toque de recolher é decretado por traficantes!

Quando parecia que não havia mais o que revelar, Adriana fez uma pausa e disse, em tom grave:

– Vocês sabiam que o PCC⁷ está por trás de muitas das ordens de assassinatos e do tráfico de drogas que atinge nossas cidades? Eles controlam presídios, comunidades inteiras e agora até mesmo políticos em algumas regiões. Eles são aqueles da gravação que dizia: “nóis tinha um diálogo cabuloso com o PT!”, lembram?!

Alice concordou e completou:

– E nós aqui, de mãos atadas, porque as leis dão mais direitos a criminosos do que a nós. Lembram do caso do Champinha⁸? Aquele criminoso que chocou o Brasil? Ele sequestrou, estuprou e assassinou uma adolescente de 16 anos. Mesmo depois de maior de idade, nunca recebeu a punição exemplar que merecia. Até hoje, está internado como se fosse um paciente, não um criminoso.

Sílvia complementou, mostrando uma reportagem no celular:

– O tráfico de pessoas aumentou quase 300%! É o crime organizado crescendo onde o Estado recua.

Evellyn, firme, pontuou:

– Enquanto o Canadá e o Japão conseguem manter suas taxas de homicídio abaixo de 2 por 100 mil habitantes, o Brasil patina com 19,4. Porque lá existe rigor na punição. Aqui, o criminoso é visto como vítima da sociedade.

Um silêncio respeitoso tomou a sala. Era como se todas sentissem, juntas, o peso de anos de impunidade. Até que Alice lançou uma provocação:

– Se vocês tivessem o poder de mudar leis hoje, o que fariam?

As respostas vieram fervorosas:

– “Fim das audiências de custódia para crimes violentos!”

– “Penas mais severas para reincidentes perigosos!”

– “Garantia do direito à legítima defesa!”

– “Fim da proibição de operações policiais onde há domínio de facções!”

– “Verdadeiro direito à legítima defesa para famílias de bem, inclusive com posse de arma para proteção do lar!”

Alice continuou:

– Sabiam que nós temos esse poder? Nós podemos criar grupos, mobilizações na internet, abaixo-assinados e pressionar os políticos. Na verdade, não apenas pressionar, podemos também demonstrar apoio àqueles que já propuseram essas mudanças, mas foram massacrados pelos “direitos dos manos”. O que vocês acham?!

Os rostos se acendiam com a força de quem sabia que, mesmo em pequenos grupos, quando unidas, eram poderosas. Elas tinham a sensação de que ali, entre aquelas mulheres, nascia algo mais forte do que o medo: a consciência de que, para mudar o país, era preciso começar pelos próprios lares, pela união e pela ação.

Ao final, Alice, a líder do grupo concluiu:

– Somos mães, filhas, irmãs. E somos cidadãs. Não podemos aceitar viver acorrentadas pelo medo. Vamos construir pontes, formar redes, influenciar nossa cidade, transformar o nosso país e edificar a nossa Nação.

O aplauso que se seguiu foi espontâneo. As mulheres sabiam que, naquela noite, algo mais forte que o medo havia nascido: a vontade de transformar

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

- 1.** Como a insegurança cotidiana afeta a liberdade das mulheres e famílias em nosso país?
- 2.** O que a história de hoje ensina sobre a importância da participação política das mulheres e o que mais podemos fazer, como cidadãs, para pressionar por mudanças nas leis que influenciam na segurança pública?
- 3.** O caso de Champinha revela falhas no sistema de justiça para crimes brutais cometidos por menores. Como vocês acham que isso deveria ser tratado?
- 4.** Que ações simples (em nossa casa, no bairro, na igreja) podemos tomar para construir um ambiente mais seguro?

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

AUDIÊNCIA DE CUSTÓDIA NO BRASIL

A Audiência de Custódia é um procedimento em que uma pessoa presa em flagrante é apresentada a um juiz em até 24 horas para avaliar se a prisão foi legal, se houve maus-tratos e se é necessário mantê-la detida ou liberá-la. O objetivo é garantir os direitos do preso (e não dos cidadãos de

bem) e evitar prisões que eles considerem desnecessárias, além de cumprir tratados internacionais de direitos humanos assinados pelo Brasil.

Criada em 2015 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), sob a presidência do ministro Ricardo Lewandowski, do Supremo Tribunal Federal (STF), a iniciativa é frequentemente associada ao espectro político de esquerda, que defende políticas voltadas para direitos humanos de criminosos e redução do encarceramento. Lewandowski (indicado ao STF pelo presidente Lula em um mandato anterior) é alinhado a essa visão esquerdista, o que gera críticas de setores conservadores, que consideram a medida branda com criminosos e cruel com os cidadãos.

Na prática, o juiz ouve o preso, o Ministério Público e a defesa (advogado ou Defensoria Pública) para decidir se o criminoso deve continuar preso ou responder em liberdade. Dados do CNJ mostram que, até setembro de 2024, foram realizadas 1.311.135 audiências de custódia por prisões em flagrante no Brasil. Cerca de 45% desses casos resultaram na liberação dos acusados, o que equivale a aproximadamente **590.000 criminosos soltos**. O Distrito Federal é um dos recordistas: entre 2019 e janeiro de 2023, de 49 mil presos, 34.168 foram soltos, contra 14.985 mantidos presos.

Estudiosos apontam que a Audiência de Custódia contribui para a sensação de impunidade, pois criminosos perigosos, incluindo reincidentes, são soltos rapidamente e voltam a cometer crimes, passando a sensação de que o crime compensa. Policiais relatam desmotivação, sentindo que “prendem e a Justiça solta”, vivendo um eterno “enxugar gelo”. Um exemplo é o aumento de casos de furtos e pequenos crimes, que, embora menos graves, afetam a segurança cotidiana. Além disso, o procedimento exige alto custo logístico, com transporte e escolta de presos, desviando recursos da segurança pública. Por outro lado, defensores do desencarceramento argumentam que a medida evita prisões injustas e combate a superlotação carcerária, mas a percepção popular é de que os prejuízos à segurança superam esses benefícios.

FASES DE UMA AUDIÊNCIA DE CUSTÓDIA:

- 1. Prisão em flagrante:** Quando uma pessoa é detida em flagrante por um crime, a lei determina que ela seja apresentada a um juiz no máximo 24 horas após a prisão, para que este verifique se a detenção foi legal.
- 2. Verificação da legalidade:** O juiz avalia se a prisão foi realizada de acordo com a lei e se há fundamentos para mantê-la. Caso contrário, pode decidir pela liberdade provisória ou outra medida cautelar.

3. *Garantias ao preso: Durante a audiência, o preso é ouvido, e o juiz também verifica se ele sofreu maus-tratos ou abusos durante a prisão, mas nada pergunta sobre as vítimas do criminoso.*

4. *Decisão do juiz: O juiz pode decidir soltar o criminoso, adotar medidas alternativas ou manter a prisão. O problema é que temos assistido uma tendência muito favorável aos criminosos no sentido de soltá-los e isso é muito prejudicial para sociedade.*

Os objetivos principais da audiência de custódia é garantir os direitos do preso (e não das vítimas) e reduzir o número de pessoas presas (redução do encarceramento). No entanto, é um tema controverso, com inúmeras críticas quanto à reincidência de crimes por pessoas que são libertadas rapidamente e ao impacto negativo da decisão judicial no combate ao crime e à criminalidade.

Como um exemplo, temos o caso do criminoso Marcelo Vieira de Souza. Ele foi preso em flagrante após ser capturado com uma grande quantidade de drogas e em posse de uma arma de fogo de alto calibre. Ele tinha diversas passagens pela polícia, incluindo por homicídios e roubos. Mesmo diante de seu histórico de crimes e do envolvimento com organizações criminosas violentas, ele foi liberado após uma audiência de custódia. A decisão gerou protestos em relação à vulnerabilidade da segurança pública, principalmente no que diz respeito à reincidência de criminosos perigosos que retornam rapidamente ao crime.

Exemplos como esse reforçam a complexidade e as críticas em torno do sistema de Audiências de Custódia no Brasil, especialmente no que diz respeito à liberação de criminosos com alto potencial de reincidência. Embora o processo tenha como objetivo garantir os direitos humanos, ele levanta questões sobre a eficácia da justiça penal no país e os riscos associados à liberdade de criminosos de alta periculosidade.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Vamos lançar duas propostas de ações para aprofundarmos um pouco mais no tema sobre segurança pública em nossa cidade.

Proposta 1- Descubra se no seu município existe um Conselho Comunitário de Segurança (ConSeg). Se existir, PROCURE DESCOBRIR:

a. *Quem são os seus integrantes, suas origens e que grupos eles representam (inclusive tendências políticas);*

b. Calendário de reuniões e decisões que foram adotadas durante o último ano;

c. Comprometa-se a participar da próxima reunião (preferencialmente, todas as integrantes do Grupo Alicerçadas) para entender o funcionamento e apresentar as suas opiniões.

Se NÃO EXISTIR o ConSeg no seu Município:

a. Que tal apresentar uma solicitação formal (um abaixo-assinado, por exemplo) à Prefeitura e aos seus vereadores propondo a criação desse Conselho?

b. Lembrem-se: é preciso ocupar todas as posições de decisão e de poder disponíveis. Se as pessoas de bem não ocuparem, as pessoas à serviço do mal ocuparão.

Proposta 2- Nos vídeos abaixo, há várias abordagens sobre a área de segurança pública que é tão fundamental para nossas vidas e de nossos familiares. A proposta é que você assista um vídeo por dia. Se não conseguir, assista o máximo que você puder.

A ideia é te deixar atenta a uma realidade que, a cada dia, fecha o cerco sobre nós e sobre nossas famílias. Lembre-se: juntas, podemos transformar essa realidade também!

1. <https://www.youtube.com/live/oRc5775oMBc?si=e6cTmqyo-vLSMICQ> (Entre Lobos BP)

2. <https://youtu.be/RfMyXYO-ueY?si=JBLATLHRwNqCMNVj> (PEC da Segurança Pública BP)

3. https://www.youtube.com/live/FL89aOBgpqs?si=QkgSVUuMcPS_zX9x (Um ano depois de Entre Lobos BP)

4. https://youtu.be/ooM3ls4nfkA?si=jhwXHz3H_CcGbRed (Eduardo Bolsonaro – Poder de Fogo BP)

5. https://www.youtube.com/live/BZ31VlcHlK4?si=HEnwn2l_FIIWYzMO (Segurança em SP e Gastança de Lula BP)

6. <https://www.youtube.com/live/k7r8guSBYXw?si=t2QCcLndBIN3wfgq> (Inteligência Limitada – Capitão Derrite)



VIDA: FONTE DE ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS



Nessa situação tão dramática, repleta de sentimentos de confusão, medo e julgamentos, Lidiane recorria a Alice para aconselhamento, pois sua mãe não estava conseguindo ser o apoio que ela necessitava”

VIDA: FONTE DE ESPERANÇA EM TEMPOS DIFÍCEIS

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice e César são pais que gostam da casa cheia, inclusive dos amiguinhos de seus filhos, Ana, de 10 anos, e Lucas, de 14. Eles são aquela família que procura dar bastante liberdade aos filhos, mas sempre atentos e próximos a cada passo. Brincadeiras, jogos e diversão preenchem a casa, até que uma notícia inusitada é recebida por todos com muito espanto: Lidiane, de 15 anos, uma das amigas de Lucas, descobriu que estava grávida.

Que situação inesperada! Como uma jovem menina pode agora ser chamada de mãe e seu namorado, pai? Nessa situação tão dramática, repleta de sentimentos de confusão, medo e julgamentos, Lidiane recorria a Alice para aconselhamento, pois sua mãe não estava conseguindo ser o apoio que ela necessitava. Sua mãe a orientava a abortar aquele bebê, mas algo dentro de Lidiane dizia que isso era errado, mesmo em meio a tanta confusão em seus pensamentos.

“Você é uma criança e criança não é mãe. Vamos comprar um remédio e resolver logo essa situação para que você não destrua a sua vida” – dizia a mãe de Lidiane.

Mesmo tão jovem, Lucas acompanhava o drama da amiga e questionava César: “Pai, eu sei que isso tudo parece um problema, mas por que as pessoas pensam que solução é matar esse bebezinho? Eu sei que minha amiga é muito jovem e um bebê só deveria chegar quando ela estivesse toda crescida, em uma família e numa casa dela, mas que ideia doída!” Cesar, satisfeito com a postura de seu filho em distinguir aquilo que é certo e o que é errado, afirma: “Meu filho, o mundo está cheio de ideias doídas, mesmo. Mas vamos ficar firmes e dar o apoio que Lidiane precisa para ela ver que a vida sempre vale a pena!”

Alice acolheu Lidiane em sua casa, afinal, uma das coisas que uma jovem mãe mais precisa é de acolhimento. Ela foi amparo e suporte para que Lidiane entendesse o que estava por vir, a ajudou a se organizar frente aos desafios que chegariam e se aproximou intensamente da avó, mãe de Lidiane, para que ela entendesse que era preciso olhar as duas faces dessa nova realidade, sem romantismo, mas com sinceridade.

Primeiro olhamos os desafios, o negativo: a interrupção temporária dos estudos, os custos de uma nova vida em casa, a ausência de um lar estruturado para a criança e a própria criação de um novo ser por alguém

que ainda, digamos, “não começou a vida”. “Será que a resposta para esses desafios é tirar a vida de um bebezinho?” – perguntava Alice.

Em segundo lugar olhamos as graças: a benção de mais uma vida que chega, a oportunidade de criar e educar um ser humano maravilhoso, o privilégio de amadurecer e se doar em prol de um bebezinho e a dádiva de exercer a mais valiosa atividade de todas, que emprego nenhum no mundo se equipara – a maternidade. “Percebe como a maternidade não é um peso, mas uma grande oportunidade de crescimento de vida?” – dizia Alice.

Aos poucos, a ideia do aborto passou a ser inadmissível para todos ao redor, inclusive a avó. O bebê de Lidiane passou a ser o xodó da turma que frequenta a casa de Alice e César e todos percebiam que sempre podemos tirar algo de bom do inesperado. Ficou claro que a vida sempre vale a pena e que era impossível àquela avó tornar a pensar na atrocidade que seria viver em um mundo onde seu netinho não existia.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

A VIDA SEMPRE VALE A PENA

Os filhos de Alice e César, como tantas outras crianças e jovens da atualidade, estão ouvindo falar de “aborto” com certa normalidade – não somente por terem uma amiga gestante como Lidiane!

- 1.** *Por que o assassinato de um bebê no ventre de sua mãe passou a ser assunto normalizado e objeto de discussão?*
- 2.** *Como a maternidade deixou de ser uma alegria para a sociedade e tornou-se realidade rejeitada por tantas mulheres?*
- 3.** *Como você, em sua realidade e com suas possibilidades, poderia acolher a jovem Lidiane e sua mãe no caso contado acima?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

POR QUE A VIDA SEMPRE VALE A PENA?

Uma sociedade está falida quando o bem mais precioso que se tem encontra-se em perigo de existência: a vida humana. Por que chegamos a esse ponto e como devemos sair dele? Veja algumas colocações de grandes pensadores sobre o assunto:

Me parece tão claro como o dia que aborto é um crime.” – Mahatma Gandhi

“O aborto não é, como dizem, um assassinato. É um roubo. Nem pode haver roubo maior. Porque, ao malgrado nascituro, rouba-se-lhe este mundo, o céu, as estrelas, o universo, tudo! O aborto é o roubo infinito.”
– **Mario Quintana**

“Não poderá prevalecer a paz na Terra, enquanto existir o aborto. Porque é uma guerra contra as crianças. Se aceitarmos que uma mãe mate seu filho no próprio ventre, como podemos dizer para outras pessoas que não matem uns aos outros?” – **Madre Teresa de Calcutá**

“O diabo não chega com capa vermelha, chifre e tridente, geralmente ele chega defendendo o aborto.” – **G. K. Chesterton**

Chegamos a esse ponto por vivermos em uma sociedade que abraçou o relativismo e o utilitarismo.

Relativiza-se tudo, por que a verdade foi combatida para que ela não atrapalhasse mais os planos daqueles que a detestam. Relativiza-se todas as realidades e sobre todas as coisas, por meio de valores alterados, valores ignorados ou valores aniquilados. As afirmações estáticas, como por exemplo, da defesa inexorável da vida humana, são reconhecidas como retrocessos que impedem avanços sociais – quando, na verdade, são bases que permitem o desenvolvimento de uma sociedade forte.

Os principais argumentos em favor do aborto sempre giram ao redor de direitos das mulheres e, supostamente, a dignidade humana. Elas, em situação de gestação não planejada, precisam, realmente, de suporte e atenção diferenciados, com o devido acolhimento humanizado para serem fortalecidas nesse difícil processo. Tal atendimento feito da maneira respeitosa e com foco na plenitude de sua dignidade salva vidas! Inclusive, possibilita às mulheres, caso queiram, o serviço público chamado “Entrega Legal” – que significa a entrega do bebê para o sistema de adoção.

Do outro lado, temos o nascituro, aquele bebê por nascer, que tem amparos legais próprios, precisa ter sua dignidade igualmente respeitada e sua vida não deve ser barganhada em virtude da vida de outro ser humano – pois não se trata de uma negociação ou uma luta!

Aqui entramos no utilitarismo. Há quem argumente que a vida de uma mulher importa mais do que a de um bebê que ainda não construiu nada, não tem valor social. Essa linha de raciocínio é a mesma que diminuiu o valor da pessoa com deficiência porque ela não consegue entregar os mesmos resultados do que uma pessoa sem deficiência.

Parece algo que Hitler pensaria, não é mesmo? O ser humano tem valor intrínseco, ou seja, ele vale por aquilo que é, sem precisar fazer atividade alguma para demonstrar seu valor. Assim é salvaguardada sua dignidade.

Será que queremos selecionar quem pode ou não viver, deteriorando nossa família humana como Hitler fez?

OS. Outro argumento muitíssimo utilizado para falar contra o aborto é sobre religião, a fim de que a religiosidade não entre na discussão. Hum... Mas nesse texto aqui nem chegamos perto disso, não é mesmo?

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

VAMOS JUNTOS ABRAÇAR A VIDA

a. Promova uma visita com seu grupo de reflexão a uma organização que realize trabalho de acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade: Casas de atendimento a gestantes, a crianças e adolescentes ou a idosos.

b. Assista as aulas do curso “Conhecer e Fazer Acontecer” da Plataforma Academia da Direita que falam sobre: 1. A dignidade Humana; 2. Cultura da Morte; e 3. Terceiro Setor – vide link:

<https://academiadadireita.cademi.com.br/area/vitrine>

c. Assista ao documentário “Duas Vidas: Do que estamos falando”, da produtora Brasil Paralelo. Tenha acesso ao vídeo no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=XjapXhUuUzA>



SE OS GOVERNANTES NÃO DEIXAM OUTRA SAÍDA SENÃO IR MORAR NA RUA; A SOCIEDADE PODE ACABAR EM UMA RUA SEM SAÍDA!



César ficou com as crianças hoje—
lá em casa é igual a Dona Michelle
fala: homens e mulheres de bem
colaboram, cooperam e se ajudam.
Isso vale pra política, mas na verdade,
tem que começar em casa. Afinal, não
estamos competindo!”

SE OS GOVERNANTES NÃO DEIXAM OUTRA SAÍDA SENÃO IR MORAR NA RUA; A SOCIEDADE PODE ACABAR EM UMA RUA SEM SAÍDA!

1) VER (História de vida para preparar os debates)

O sol de fim de tarde brilhava na varanda da casa de Bárbara, onde 12 cadeiras formavam um semicírculo acolhedor e perfeito para compartilhar histórias e sonhos. O entardecer pintava o céu de dourado. O cheiro do bolo de cenoura e café fresco indicavam que seria mais um encontro afetuosos.

Enquanto isso, as meninas iam chegando. Alice entrou na casa, abraçou Evelyn e Nídia, que foram as primeiras a chegar, e disse: “César ficou com as crianças hoje—lá em casa é igual a Dona Michelle fala: homens e mulheres de bem colaboram, cooperam e se ajudam. Isso vale pra política, mas na verdade, tem que começar em casa. Afinal, não estamos competindo!” Sorrindo, todas concordaram com a frase! Nos olhos das amigas, havia expectativa e um desejo comum: aprender como transformar sua cidade e edificar a sua Nação.

Bárbara, então, convidou as meninas a iniciarem a reunião com uma oração. Em seguida, ela abriu o tablet e disse: Vamos começar?! Ela projeta um gráfico simples, mas chocante: Vocês já perceberam como nossas ruas estão cheias de pessoas em condição de rua – mais conhecidos como moradores de rua? Vejam esse gráfico: “O número de moradores de rua aumentou no pós-pandemia, mas atingiu um pico de aumento entre 2023 e 2024 – durante o governo do PT com Lula presidente – nesses anos, foram 25 % a mais de moradores de rua. Nossa! Isso representa muita gente!”

Franzindo a testa, Patrícia diz “Isso reflete a falta de moradias populares e de políticas de acolhimento. Ninguém acorda dizendo: Hoje eu vou ser morador de rua! Tem muita coisa envolvida nisso e, independentemente de culpados, todos nós (eles e nós), direta ou indiretamente, acabamos sendo vítimas.”

Vânia completa: “E o pior é que 40 % deles consomem crack⁹ – uma droga que destrói laços familiares e intensifica os ciclos de pobreza, de criminalidade e de insegurança.”

Maria tenta fazer uma conexão de assuntos e diz: “Menos empregos empurram mais gente para a rua. E quem vive ali, vira alvo e está vulnerável a muita coisa ruim! Por outro lado, os estacionamentos ficam cheios de flanelinhas, que rondam nossos carros e até nos ameaçam antes de “pedir” pra “vigiar” o veículo. Eu me sinto amedrontada. Sou quase obrigada a dar dinheiro. O pior é quando eu não tenho, fico com medo de ser agredida.”

O tema da reunião era uma realidade pesada e nada agradável e fazia cada coração ficar apertado. Havia indignação, mas também empatia. Nídia desabafou: “ninguém culpa as pessoas em situação de rua – a raiva é contra a omissão dos governantes municipais, estaduais e federais que muitas vezes parecem ‘lavar as mãos e fechar os olhos’, para essa situação tão triste envolvendo seres humanos”.

Para quebrar o clima, Evellyn propõe um “bate-bola de ideias”: uma bola de tecido é lançada; quem a recebe deve sugerir, em uma frase, uma ação imediata de impacto social que poderia ajudar essas pessoas. Entre risos contidos e olhares emocionados, vão surgindo algumas ideias, das mais ousadas às mais simples; todas elas estavam sendo anotadas por Márcia, a mais caladinha do grupo.

O ar voltou a ficar pesado quando Alice começou a compartilhar o episódio traumático de um mês atrás. Ela descreveu, com a voz embargada, o susto que seus filhos tiveram enquanto passeavam com o pai – César – na pracinha próxima à casa deles. Ana ficou tremendo e Lucas ficou muito assustado, quando César foi surpreendido por usuários de crack que, ao pedirem dinheiro e receber um “agora não tenho” como resposta, reagiram com violência e até rasgaram a camisa de César que tentava proteger os filhos. “Senti que, se nem em casa estamos seguros, o amanhã pode ser ainda mais sombrio.” Todas silenciaram, sentindo o risco civilizacional de uma cidade que naturaliza a exclusão e que parecia estar caminhando para um beco sem saída. Algo precisava ser feito!

Alice ergueu o olhar e, encontrou forças nas amigas. Retomando a coragem, ela disse para todas: “Somos donas do nosso destino. Somos mulheres de bem e somos imparáveis! Vamos agir agora! O que nós já temos de ideias aí, Márcia?”

Uma a uma, Márcia foi lendo as ideias que ela já vinha separando por temáticas:

1. Rede de Acolhimento Imediato

- Rodízio semanal para distribuição de marmitas, cobertores e agasalhos na praça central.
- Cadastro de famílias em situação de rua, identificando aquelas que possuem crianças em idade escolar para ajudarmos na matrícula escolar e com material didático.

2. Mobilização Política Construtiva

- Escrever uma Carta Aberta, assinada por todas as Alicerçadas, pedindo audiência pública com vereadores, deputados estaduais e federais.
- Proposta de leis:
 - Centros de redução de danos com equipe multidisciplinar;
 - Habitações transitórias e atendimento psicológico gratuito.

3. Parcerias e Inovação Social

- Aliança com ONGs, igrejas e universidades para cursos de capacitação de moradores de rua e projetos de extensão em saúde mental.
- “Crédito Solidário de Tempo”: cada hora de voluntariado vira crédito para serviços e cursos.
- Programa “Arte na Rua”: oficinas de arte e artesanato que gerem renda e visibilidade positiva.

4. Ideias Adicionais do Grupo

- Mutirões mensais de limpeza urbana, integrando prefeitura, comércio local e voluntários.
- “Banco de Vivências”: ex-moradores de rua compartilham trajetórias de superação em eventos públicos.

No rosto de cada mulher, a transformação foi acontecendo: o peso da angústia deu lugar à luz da esperança. Alice concluiu, com voz firme: “Nosso poder está na união e na ação. Nós somos mulheres sábias e, como diz a Michelle: Mulheres Sábias Edificam a Nação! Juntas, nós vamos conseguir! Vamos marcar um dia para irmos falar com o Prefeito e também com os vereadores. Essa situação vai mudar!”

Alice encerrou sua fala com o conhecido slogan de Jair Bolsonaro: Deus, Pátria, Família e Liberdade! Todas as meninas romperam em um grande aplauso, com os corações cheios de alegria.

Para celebrar o compromisso, Bárbara arrumou a mesa com pãezinhos recheados, bolo de cenoura, pão de queijo, bolachas, suco de laranja, cafezinho e chá gelado – tudo foi feito e trazido com muito carinho por cada uma das Alicerçadas!

Entre goles e fatias, rindo e trocando ideias, marcaram a data para a primeira entrega de mantimentos e a ida conjunta ao plenário da Câmara Municipal. O encontro terminou com um clima cheio de calor humano, demonstrando que a mudança, preferencialmente, deve começar com gestos de empatia e solidariedade.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

Para estimular o nosso debate, que tal respondermos as seguintes perguntas para reflexão:

- a.** *Que parcerias com empresas, ONGs e instituições de ensino e de voluntariado você considera que seria possível realizar para oferecer cursos e treinamentos para as pessoas em vulnerabilidade?*
- b.** *Como transformar nossa empatia pelas famílias em situação de rua em propostas claras e factíveis para levar aos vereadores e deputados?*
- c.** *De que maneira podemos articular um calendário de reuniões periódicas com autoridades locais para apresentar projetos de interesse da nossa sociedade como, por exemplo, um que trate do acolhimento e moradia para pessoas em situação de vulnerabilidade?*
- d.** *Que estratégias podemos adotar para manter o engajamento do nosso grupo Alicerçadas ao longo do tempo, evitando o cansaço e garantindo resultados sustentáveis?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E USO DE CRACK: UM DESAFIO PARA O BRASIL

As ruas pedem socorro

Em 2024, 327.925 pessoas viviam nas ruas do Brasil, um aumento de 25% em relação a 2023. É como se uma cidade como Vitória da Conquista (BA) estivesse sem teto. Em São Paulo, são 126.112; no Rio, 4.585; em Salvador, 3.289. Dessas, 82% são homens, 53% têm entre 25 e 44 anos, e 63,5% não terminaram o ensino fundamental. 70% são negras, muito mais do que os 55% da população geral. A pobreza extrema, o desemprego e o vício empurram essas pessoas para as ruas, e o crack as prende num ciclo cruel.

Um ciclo que machuca a todos

O crack é um problema grave. Em 2017, 460.000 brasileiros usaram a droga, e quase 1 em cada 2 pessoas em situação de rua depende dela. O vício destrói lares, enquanto a vida nas ruas faz o crack parecer uma fuga da dor. Esse ciclo gera insegurança. Em 2024, 6.177 casos de violência contra pessoas em situação de rua foram registrados em apenas quatro meses. Pequenos furtos ligados ao crack aumentam o medo nas cidades.

O preço para nós e nossas cidades

Esse problema custa caro. Lojas em áreas como o centro de Franca (SP) perdem até 20% dos clientes por medo, afetando pequenos negócios que criam 60% dos empregos no Brasil. Menos vendas, menos contratações, mais desemprego, mais moradores de rua. O país gasta R\$ 50 bilhões por ano com segurança privada, dinheiro que poderia estar sendo investidos em aumento da capacidade de produção e geração de empregos. Pessoas em situação de rua também sobrecarregam hospitais, custando bilhões em emergências. Sem soluções, todos perdem – lojistas, trabalhadores, comunidades... o ser humano!

Mulheres nas ruas: uma luta que não pode ser esquecida

Cerca de 18% das pessoas em situação de rua são mulheres, enfrentando violência sexual e preconceito. Muitas usam crack para “fugir” da dor, mas isso só as prende mais. Como mulheres, vocês sabem o peso do julgamento. Essas mulheres não são “perdidas”; são vítimas de um sistema que falha. Apoiar políticas que protejam e deem oportunidades é um passo para mudar isso.

E nos Estados Unidos?

Nos EUA, 771.000 pessoas vivem sem teto, e 26% lutam contra drogas como opioides. Na Califórnia e no Havaí, a insegurança percebida aumenta os gastos com polícia em 30%, e o vício custa US\$ 100 bilhões em produtividade perdida. Isso mostra que o problema é global, mas as respostas começam localmente.

Vítimas, não vilãs

Muitas vezes, é fácil culpar quem está na rua mas, na maioria das vezes, essas pessoas são as que sofrem mais diretamente os impactos desse mal. Entre 2015 e 2017, 17.000 casos de violência contra pessoas em situação de rua foram registrados, a maioria entre eles mesmos. Elas são vítimas do descaso do governo, da falta de moradia, de emprego e de comida, além de pouco apoio para a recuperação de viciados. Sem políticas públicas inteligentes, humanas e efetivas, o ciclo vicioso continuará.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

a. É possível aprendermos ou aprofundarmos um assunto enquanto fazemos outras coisas. Assistir a vídeos temáticos é uma dessas formas. Por isso, que tal assistirmos alguns?! Abaixo, oferecemos algumas indicações, mas fique à vontade para explorar outras formas de aprofundamento nesse tema tão sério para o futuro da nossa sociedade e das nossas famílias. (cuidado com as “pegadinhas” da esquerda!)

Como a Cracolândia tornou-se uma das principais fontes de renda do crime?

<https://www.youtube.com/watch?v=kE6R4vMydvQ>

Usuários da Cracolândia saqueiam loja no centro de São Paulo

https://www.youtube.com/watch?v=KE6_GtsGz7E

STF define que porte de até 40 gramas de maconha não resultará em prisão

<https://www.youtube.com/shorts/VWAah0zKEho>

Prefeito de SP abre o jogo sobre situação atual da Cracolândia

<https://www.youtube.com/watch?v=5mLBR7yi8mY>

Cracolândia: a solução da candidata Marina Helena

https://www.youtube.com/watch?v=KO_JPskMaXo

b. Definam uma outra ação concreta que vocês podem fazer além da anterior. Um bom começo seria partir das ideias apresentadas no texto inicial (VER). Mãos à obra!



BRILHA, BRILHA, ESTRELINHA



Com muita atenção, Ana foi pegando sapatinhos, sabonete, laços, roupinhas, fotos, brinquedinhos e umas mantas que a mãe havia guardado. Quanto carinho naquele gesto da mãe!”

BRILHA, BRILHA, ESTRELINHA

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Alice acordou animada naquela quinta-feira. Ela e seu esposo, César, batalharam por meses para juntar dinheiro e pagar uma consulta com um oftalmologista renomado, indicado para o tratamento de Ana, sua filha de 10 anos. Logo na sala de espera do consultório, Ana pergunta a mãe:

- *Por que essas mulheres na TV estão tão bravas e falando que é ruim ser mãe?*

Era um programa de bate papo entre 4 mulheres e elas estavam discutindo sobre os avanços do mundo e como a maternidade atrapalhava as mulheres nesse processo.

- *“Já fomos muito subjugadas, ignoradas e exploradas nessa vida! Não podemos mais ficar para trás no mercado do trabalho porque temos filhos para criar. Isso é coisa do passado! A maternidade precisa ser repensada em todos os lares”* – dizia uma das mulheres no programa.

- *“Na verdade, isso é um problema da estrutura familiar patriarcal e retrógrada do nosso país. Precisamos romper com esse padrão de que precisamos de uma família. Nós, mulheres, precisamos de autonomia financeira e respeito por nossas decisões. O resto, é resto!”* – comentava outra participante.

Alice ficou numa saia justa naquele consultório, com muitas mulheres observando o diálogo entre ela e a filha. Aquele assunto era muito caro para Alice e já era algo que ela gostaria de ter conversado com mais calma com a filha. De toda forma, respondeu:

- *Minha filha, já te falei para não dar bola pra TV desse jeito. Tem muita coisa errada ou distorcida. A noite falamos sobre isso. Tenho umas coisas para te mostrar.*

À noite, Alice pegou uma caixa bem bonita e chamou Ana para conversar, dizendo ao esposo e ao filho de 16 anos, Lucas, que era um momento só de meninas. Ela pegou o celular e apertou o play em uma música:

*Brilha, brilha, Estrelinha
Quero ver você brilhar
Lá no alto, lá no Céu
Brilha, brilha sem parar...*

- Essa era a música que a senhora cantava para eu dormir quando eu era bebê, não é?

- É isso, minha filha! E aqui nessa caixa são as recordações que eu guardei de cada fase da sua vida.

Com muita atenção, Ana foi pegando sapatinhos, sabonete, laços, roupinhas, fotos, brinquedinhos e umas mantas que a mãe havia guardado. Quanto carinho naquele gesto da mãe! Ana estava encabulada, ao mesmo tempo que se sentia muita amada. Alice então resgatou a conversa iniciada naquela manhã:

- Minha filha, eu quis te mostrar tudo isso para lhe explicar um pouco sobre maternidade e também sobre família. Saiba que as coisas não são um conto de fadas, pois muitas vezes precisamos, eu e o papai, batalhar muito para nos mantermos unidos e buscarmos ser os melhores possíveis para você e Lucas. A vida não é fácil, mas jamais desistimos de lutar pelo maior bem que temos, nossa família.

A história de Alice foi marcada por uma criação que a faria ser uma perfeita participante daquele programa de TV. Ela passou a vida inteira ouvindo que deveria ser independente, sem precisar de homem algum ao seu lado pra nada, e que a maternidade era uma imposição das pessoas para que um padrão social acontecesse. Ela ouvia da mãe, de tias e também de professoras que as mulheres precisavam se libertar de determinados padrões. E tudo isso ela compartilhou, em detalhes com a filha.

- Agora você já sabe que eu entendo o que as mulheres na TV estavam falando. Inclusive, por muitos anos da minha juventude, eu mesma pensava dessa forma. Sabia que eu nem cogitava a ideia de me casar? Mas então eu li o livro "O privilégio de ser Mulher" e eu vou lhe emprestar para que você também o leia. Esse livro, Ana, me mostrou como eu tinha um olhar poluído com relação a ser mulher, ser mãe e ser esposa.

Como Ana já não era tão pequena, Alice também explicou como as ideias socialistas estavam por trás de todo o pensamento que não somente desvalorizava a maternidade, mas a demonizava, assim como feito com relação a família. Aquelas mulheres na TV, que comunicavam tantas críticas a vida familiar e as mães, provavelmente, não faziam ideia de que eram, na verdade, instrumentalizadas para propagar ideologia comunista – profundamente maquiadas para soarem como opinião e até mesmo esperança.

- Quando Lucas nasceu, eu parei de trabalhar. Só retornei quando você já tinha 3 anos e foi para a creche. Foram incontáveis críticas ao seu pai, minha filha, porque ele precisava trabalhar muito para que eu estivesse disponível para cuidar de vocês. E eu então, nem se fala! Escutei de tudo... Mas o mais comum era assim: “por que você não trabalha?” E eu sempre perguntava um tanto brava: “como assim não trabalho?!!!!”

- Ah minha filha, o trabalho mais nobre e difícil do ser humano é formar bem outro ser humano! E os cuidados de casa, que são intermináveis? Se a gente não olhar com atenção e sem distorção, as realidades passam voando e só restam opiniões vazias e superficiais. Leia este livro e aprenda com os exemplos que te damos em casa, meu amor.

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

O exercício da maternidade e as famílias têm sido alvo de críticas constantes.

- a.** Você, pessoalmente, já se sentiu julgada por defender a família e a maternidade?
- b.** O que o Poder Público pode fazer para reconhecer e valorizar a maternidade e a família?
- c.** O que pode ser feito para mudar a cultura que desvaloriza as mães, os pais e as famílias?

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

POR QUE FOCAR NA MATERNIDADE E NA FAMÍLIA

Se você tiver um celular com internet disponível, procure no google um vídeo que se chama “Ser mãe é um plus” e assista-o. São poucos minutos e ele irá nos nortear.

<https://www.youtube.com/watch?v=5170o6COLLg>

A maternidade não é um acidente na sociedade. Ele é uma realidade social com valor. Imenso valor. É fundamental que haja um movimento de restauração pessoal, cultural e político do valor da maternidade para o bem comum, a fim de amparar as mulheres no exercício integral da maternidade, desde a concepção até o cuidado com os filhos. Como está esse processo em você, pessoalmente? Já encaminhado ou ainda há passos a dar?

Quando o pensamento comunista avança nos meios políticos, acadêmicos e culturais, ele introjeta, muitas vezes sutilmente, a mentalidade de rejeição a instituição “família”, uma vez que ela é compreendida como um verdadeiro obstáculo ao plano comunista de sociedade coletivista. Afinal, quanto mais fortalecida for a família – que é este conjunto de pessoas ligadas por vínculos biológicos, de afeto, parentesco e relacionamento – menos dependente é do Poder Público. Trata-se de um núcleo social extremamente poderoso para não ser desmantelado pela ação comunista!

Ademais, há vários outros elementos de uma família forte que atrapalha o comunismo, como sua propriedade privada, a educação com protagonismo familiar e a livre iniciativa do pai trabalhador. Mas um dos pontos mais cruciais que atrapalha o comunismo é uma mulher que exerce seu valor e seu papel social para o bem, pois seus resultados são completamente contrários aos planos comunistas.

As falácias apontam que o Comunismo combate a instituição “família” e a ordem social contra machismo, patriarcado, misoginia, submissão e exploração da mulher. Todos esses pontos devem ser combatidos, de fato. Mas você já reparou com atenção na alternativa que o Comunismo oferece a mulher ao dizer que combate tais pontos?

Basicamente, concebe e valoriza a mulher apenas como um ser que precisa ser qualificado para o mercado de trabalho – preferencialmente, sem família, pois esta tomaria seu tempo de estar no mercado! Como reduzir a mulher a tão pouco! Um mero instrumento laboral!

A mulher é muito mais. Inclusive, ela não precisa executar nenhuma ação para ter valor. Basta ser mulher para ter seu valor, sua dignidade, seus direitos e oportunidade plenos – e iguais aos do homem.

Na família, a mulher tem papel fundamental. Ela estabiliza, acolhe e agrega, como indica a antropologia e o direito natural. A grandeza da mulher em seu papel unitivo na família, sendo esteio e firmeza, reflete no desenvolvimento total de uma sociedade.

Esta mulher, no exercício da maternidade, gera vida a humanidade, não somente ao seu lar. Ela cresce, como o vídeo assistido tão bem pontua, em desenvolvimento humano inigualável – que emprego nenhum do mundo é capaz de suprir. Importa ao Poder Público ofertar os meios necessários para os cuidados integrais dessa mãe, do pai e de seus filhos e o exercício de suas funções sociais. Também importa garantir possibilidades de fomentar a inserção e a reinserção das mulheres mães no mercado de

trabalho, a conciliação trabalho-família e a equidade e corresponsabilidade no lar

Vale, por fim, destacar a importância de combater todo erro da exploração, desvalorização, preconceito, discriminação e violação de direitos que qualquer pessoa intente a mulher por sua condição feminina, fora ou dentro da família. Tais mazelas não significam que a família precisa ser combatida. O problema é o erro humano e não de tão rica instituição.

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

a. Em grupo, pesquisem se há alguma política pública de valorização e promoção do exercício da maternidade em sua cidade ou estado. Infelizmente, é provável que não haja.

b. Apresentem aos representantes municipais ou estaduais do Poder Legislativo uma sugestão de Audiência Pública para tratar do assunto, assim como de políticas familiares.

c. Aproveite ainda para mandar o vídeo “Ser mãe é um plus” para suas amigas que são mães. Dissemine essa boa notícia!

<https://www.youtube.com/watch?v=5170o6COLLg>



POLÍTICA É COISA DE GENTE DO BEM?

“

Existia a expectativa de que esses escândalos fossem desvendados e que nada tivessem a ver com seus representantes, mas, na verdade, a coisa foi ficando cada vez mais feia e a teia de corrupção revelada era motivo de vergonha para todos!”

POLÍTICA É COISA DE GENTE DO BEM?

1) VER (História de vida para preparar os debates)

Uma vez por mês, Alice e César fazem a noite da pizza com seus filhos, Ana e Lucas. A massa e o molho são preparados pela mãe, os recheios são organizados pelos filhos e a mesa é arrumada pelo pai. Esse precioso tempo em família é sempre momento de muita conversa sobre os mais variados assuntos e oportunidade de confraternização para todos. O casal tem conseguido fazer com que esse momento não se perca da tradição familiar, mesmo com os filhos já entrando na juventude.

Nessa noite de pizza, César convidou uma família de amigos, Lia e Gleison, que também tem um casal de filhos, Pedro e Talita, de 16 e 12 anos. Conversa boa, criançada animada e a TV ligada. Que noite agradável! Até que Pedro escuta as notícias de corrupção escandalosa do INSS sobre o dinheiro da aposentadoria das pessoas e se revolta:

“Que coisa horrível! Como que pode mexer no dinheiro de pessoas que passaram a vida trabalhando, de pessoas com deficiência e outros vulneráveis e agora tem que sofrer assim? Isso tudo é culpa dos políticos!”

Então, Gleison reforça: “É isso, meu filho! As pessoas entram na política para roubar, nos enganar e pensar em seus próprios interesses. Não precisa se importar com essa sujeira. Basta você saber o seu lugar e não se meter com política, como eu sempre te falo!”

“Mas, tio Gleison, mamãe me ensinou que as pessoas de bem precisam se envolver com a política para que ela deixe de ser essa sujeira. Agora fiquei confusa...”, disse a pequena Ana.

Que climão na noite de pizza! A cultura de que “não se deve discutir política” estava presente ali, mas a pergunta inocente da pequena Ana foi mais forte e gerou uma grande oportunidade para o debate. Lia resolveu dar alguma explicação para Ana: “Aninha, o tio Gleison se decepcionou muito com a política e por isso ele preferiu se afastar e ensina isso a nossos filhos”.

O pai de Gleison era sindicalista e sempre ensinou a causa dos trabalhadores para todos de casa. Gleison seguiu os passos de seu pai e torcia para que uma chamada “justiça social” e condições dignas de trabalho realmente se tornassem parte da agenda política do país. Quando finalmente o Partido que seu pai e ele sempre apoiaram chegou ao poder,

foi tempo de alegria e esperança para a família – mas por muito pouco tempo, pois logo vieram os grandes escândalos intermináveis de corrupção (todos terminavam com ‘ão’) que devastaram a todos e eram intermináveis!

Existia a expectativa de que esses escândalos fossem desvendados e que nada tivessem a ver com seus representantes, mas, na verdade, a coisa foi ficando cada vez mais feia e a teia de corrupção revelada era motivo de vergonha para todos!

Como poderia ser possível tamanha mentira e traição? A decepção foi devastadora para Gleison, pois ele realmente acreditou, de coração, que tempos melhores viriam!

A partir daquele momento, Gleison se afastou completamente de tudo relacionado a política. Nem mesmo quando uma nova liderança surgiu no Brasil apresentando propostas verdadeiras e sem nenhum histórico de corrupção ele conseguiu dar uma chance. No Governo dessa nova liderança, Gleison percebia mudanças positivas e, principalmente, tolerância zero com corrupção. Mas ainda assim sua aversão e decepção com a política eram fortes demais.

César, com muita sabedoria, resolve fazer uma proposta para a noite de pizza: “Meus amigos, vocês sabem como são queridos para nós. Sabem também que desde 2018 passamos a nos envolver muito com política num grande movimento de restauração da política em prol do povo. Por isso, com muito respeito, gostaria de convidá-los para assistirmos a um vídeo muito interessante que diz que cuidar de política é coisa de gente do bem. O que acham?”

Mesmo um pouco contrariado, Gleison aceita o convite por gesto tão educado de seu amigo. Em meio a pizza, risadas e comentários aqui e acolá, algumas sementes de esperança começaram a ser lançadas na vida de Gleison. Agora Alice e César tem a missão de regar e cultivar esse bem!

2) REFLETIR (Hora de conversar um pouco sobre as situações reveladas na história acima)

A POLÍTICA DO MAL TEM COMO MUDAR?

Temos a tendência de nos afastarmos daquilo que não conhecemos ou do que nos causa repulsa. Assim ocorre, muitas vezes, com a política. Sua reputação foi manchada pelas deformações e corrupções que cercaram, mas a política de verdade é algo belíssimo.

- a. Qual é o principal motivo de você ou das pessoas ao seu redor não se aproximarem da política?*
- b. Quais ações o Poder Público poderia realizar para mudar a cultura de aversão e desilusão com a política?*
- c. O que você pode fazer de diferente para mostrar a beleza e a importância da política para a construção do bem comum?*

3) ILUMINAR (Texto produzido para trazer um maior aprofundamento do tema)

CUIDAR DA POLÍTICA É COISA DE GENTE DO BEM, SIM!

Primeiramente, importa diferenciarmos o que é, verdadeiramente, a política e o que é a versão deformada da política, que costuma ser aquilo que mais habitualmente enxerga-se nas notícias, nas instituições, nas conversas entre amigos e no imaginário popular.

A política se revela de várias maneiras, formatos e realidades na vida humana. Ela se encontra na administração das coisas públicas, no relacionamento entre os países e em diversas outras situações que envolvem organizações ou pessoas. Mas é no dia a dia, no cotidiano de cada um que se experimenta a política em sua forma mais natural: nos relacionamentos.

Parte da beleza do ser humano está em sua complexidade de ser racional e relacional, que possui inteligência e vontade própria para poder se relacionar, interagir e socializar. Por essas características, desde a mais tenra idade, o ser humano se envolve com atos políticos, pois lida com interesses, poder e decisões. Ora, imagine uma criança em sala de aula pedindo uma borracha emprestada a um colega. Há interesse pela borracha, poder do dono da borracha de emprestá-la ou não e também a decisão de emprestá-la ou não! Perceba como os elementos da política estão em todo o lugar, mas somente quando fazemos algo para somar, edificar e construir em vista do benefício do outro, do bem comum, é que realmente estamos fazendo política!

Refleta comigo: você já fez algo que serviu ao bem do outro?

Agiu para criar, unir ou construir boas “pontes” em vista de algo bom para o outro?

Sim? Então você já fez política – e aposto que faz o tempo inteiro!

Talvez agora você esteja se questionando por que sua visão de política é tão deformada... Porque toda essa beleza não é a primeira coisa que lhe

vem à mente quando você pensa em política. Ocorre que essa capacidade de construção do bem comum – que todos os seres humanos têm ao exercerem a política do bem – pode ser abafada pelo egoísmo e individualismo de fazer dela um meio para causas pessoais e planos de poder.

Isso acontece pela corrupção do ser humano, desde as pequenas atitudes de furar uma fila ou pegar dinheiro do chão que não é seu, até os escândalos de desvios de dinheiro público provocados por lideranças políticas. O que mais nos assola e cria tão má reputação a política é o que ocorre, especialmente, na política institucional – aquela do sistema de governo, dos Poderes da República, das Instituições Públicas, dos Partidos e dos Políticos. Tudo isso faz parte da administração das coisas públicas, realidade fundamental para todo bom funcionamento de um país.

Não há como viver em sociedade sem política – tanto a relacional, do seu dia a dia, quanto a institucional, que governa as coisas da sua cidade, estado e país.

Quando a política deixa de ser um instrumento para fazer pontes em prol do bem de toda a sociedade, ela se torna um mero instrumento de cobiça pelo poder, ganância pelas coisas alheias (especialmente as públicas) e corrupção. Ou seja, essa é a política do mal, a política deformada. É a política que fez com que Gleison, da história acima, ficasse desiludido. Aqui se criam os rótulos que a política carrega: “política é coisa de ladrão”; “eu odeio política”; “gente honesta não se envolve com política”.

Veja que o problema não está na política, mas naqueles que deformam sua beleza, que foi corrompida por mazelas que lhe roubaram sua essência: o bem comum.

A política em nosso país precisa de uma nova chance. Nós, brasileiras, precisamos nos dar uma nova chance para fazermos mais e melhor, sem medo deste terreno deformado. O Brasil já testemunhou grandes passos dados por uma política de verdade, mas se nos encontramos assolados por tempos sombrios, precisamos prosseguir confiantes e com esperança de mudança em todos os âmbitos da política – desde sua casa até os lugares mais altos dos Poderes Públicos.

Para este cenário, é necessário que você, com sua correta intenção de promover o que é bom para o benefício de todos, realmente consiga participar e continuar a fazer essas “pontes” em prol do bem do povo. Talvez a diferença agora é que, mais consciente da grandeza dos seus atos, você possa potencializá-los agindo nas esferas políticas de decisão e de poder!

4) AGIR (hora de propor ações concretas em relação ao tema para começarmos a mudar a realidade da nossa cidade)

Você tem uma oportunidade de conscientização e mobilização de pessoas que estão ao seu redor para que elas possam entender a importância de se envolver com política.

a. *Faça uma lista com nomes de amigos e familiares que tem aversão a política. Organize uma reunião em sua casa com essas pessoas para que, juntos, façam como aconteceu na casa de Alice e César: **assistam a um vídeo esclarecedor sobre política.***

b. *Assistam a aula “Política – lavar as mãos pode custar caro”, que faz parte do Curso “Conhecer e Fazer Acontecer”, da plataforma Academia da Direita.*

<https://academiadadireita.cademi.com.br/area/produto/item/5313928>



NÃO É O FIM: ESSE É SÓ O COMEÇO DA NOSSA JORNADA!

A CHAMA QUE TRANSFORMA A NAÇÃO

Concluímos o primeiro temário e nós te perguntamos: Você já sentiu aquele aperto no coração ao ver o leite sumir da geladeira, como Alice sentiu? Já olhou para seus filhos, como César e Alice olhavam para Ana e Lucas, e pensou: “Quero um futuro melhor para eles”? Já se perguntou, como César, para onde vai o dinheiro dos impostos que pesam tanto no bolso? Se você abriu este temário, se reuniu com suas amigas, tomou um café e mergulhou nas histórias do Projeto Alicerça Brasil, então você já acendeu uma chama. E essa chama, minha cara Alicerçada, é o começo de uma transformação que vai mudar a nossa Nação.

Pense em Alice. Ela não era política. Não tinha mandato, nem palco, nem holofotes. Era uma mulher, como você, que acordava cedo, fazia a marmita do marido, levava os filhos à escola e sentia o peso de um país que parecia escorrer pelo ralo. Inflação subindo, impostos sufocando, escolas doutrinando, valores tradicionais sendo atacados. Mas Alice fez algo extraordinário: ela abriu sua casa. Convidou 12 mulheres. Compartilhou um bolo, um suco, uma ideia. E, ao fazer isso, plantou uma semente. Uma semente que cresceu, se multiplicou, e hoje está nas suas mãos.

Cada texto que você leu neste temário foi um convite para enxergar a política com novos olhos. Não a política dos palanques, mas a política da vida real – aquela que decide se sua família terá comida na mesa, se seus filhos aprenderão valores que os preparem para a vida, se sua comunidade terá segurança e esperança. Você viu como a inflação machuca, como a tributação esmaga sonhos, como a Agenda Woke tenta roubar a inocência das crianças. Mas, acima de tudo, você viu que pode fazer a diferença. Sozinha, a jornada é árdua. Juntas, somos um alicerce inabalável.

Lembra da história de Lucas, o jovem que escolheu um curso técnico para construir um futuro sólido? Ele é a prova de que decisões informadas, apoiadas por uma família unida, podem romper o ciclo da baixa pro-

atividade que prende o Brasil. Lembra de Alice e César, que enfrentaram o “Semselho Nutelar” e mobilizaram a comunidade? Eles mostraram que, quando mães e pais se unem, nenhum sistema é grande demais para ser desafiado. As histórias do casal nos indicaram, também, que quando a desilusão com a política bate à porta, é necessário ter força e resiliência para olhar e perceber a grandeza das oportunidades que estão por vir, conscientizando seus amigos a focar no bem comum, como eles fizeram. Cada história deste temário é um espelho: reflete você, sua força, sua capacidade de liderar.

Agora, Alicerçada, a chama da liberdade está com você. Cada reunião que você organiza, cada conversa que inicia, cada vereador que cobra, cada petição que assina, é um tijolo no alicerce de uma nação mais forte. Você não precisa de um mandato para mudar o Brasil. Sua casa é sua trincheira e seu abrigo seguro. Sua voz é sua arma. Suas amigas são seu exército. E o Projeto Alicerça Brasil é o mapa para guiá-la.

Imagine o impacto: uma mulher inspira 12, que inspiram 144, que transformam milhares. Essa é a matemática do poder da mulher de bem, do poder conservador, do poder de quem acredita em Deus, Família, Pátria e Liberdade. Não é só um sonho – é uma missão! E ela começa agora, com você, na sua sala, com uma xícara de café e a coragem de dizer: “Eu sou o alicerce. Eu sou a mudança.”



O QUE FAZER AGORA?

- 1. Continue o ciclo:**

Primeiro (e principalmente), continue se reunindo com o seu Grupo. Se ele já conta com 12 mulheres, formem outros grupos de até 12 novas Alicerçadas. Multiplique a semente.
- 2. Aja localmente:**

Pesquise os conselhos municipais de saúde, educação e segurança da sua cidade. Inscreva-se. Leve suas amigas. Faça sua voz ser ouvida.
- 3. Cobre resultados:**

Use a Lei de Acesso à Informação para saber como o orçamento da sua cidade é gasto. Exija transparência. Pressione vereadores e prefeitos por políticas que protejam sua família.
- 4. Proteja seus valores:**

Fiscalize o que seus filhos aprendem na escola. Organize mães para exigir currículos que respeitem a família e preparem para o futuro.
- 5. Inspire outras:**

Compartilhe sua jornada nas redes sociais com a hashtag #Alicerçadas. Mostre ao Brasil que as mulheres de bem, inspiradas por Michelle Bolsonaro, estão mudando o jogo.

O Brasil está doente por causa das ideologias de esquerda e ele precisa de você. Não porque você é perfeita, mas porque você é real. Porque, como Alice, você sente o peso, mas também carrega a força. Porque, como Alice e César, você sonha com um futuro melhor para seus filhos. Porque, como Ana e Lucas, você acredita que o Brasil pode ser mais.

Levante-se, Alicerçada. Abra sua porta, deixe sua chama iluminar a Nação e grite...

“ Edificando a Nação:
ALICERÇADAS! ”

NOS
ENCONTRAREMOS
NO PRÓXIMO
TEMÁRIO...



plmulher.org.br [@partidoliberalmulher](https://www.instagram.com/partidoliberalmulher)

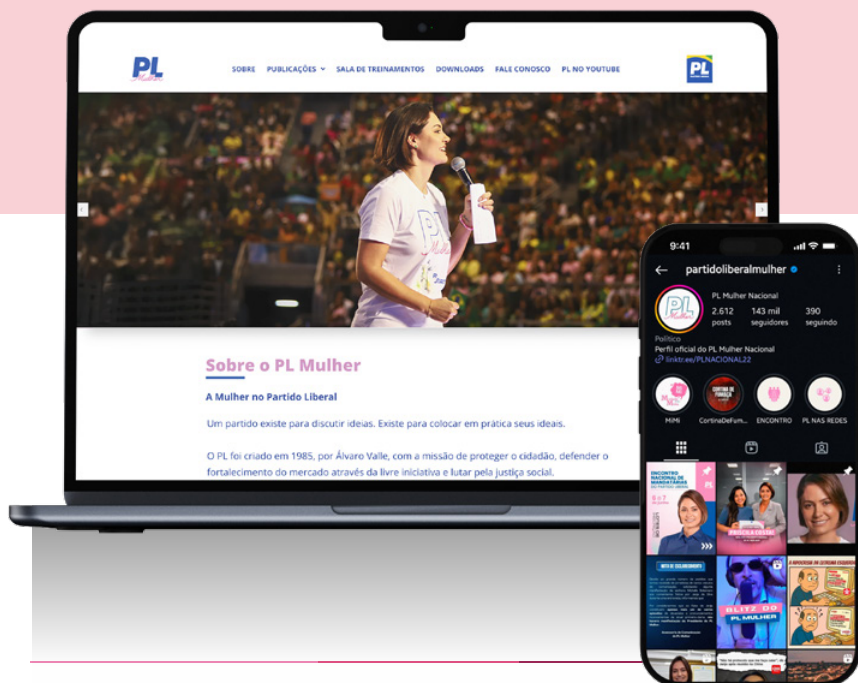
E-mail: contato@plmulher.org.br

Fone: (61) 3035-8822

Endereço: SHS Quadra 06 Bloco "A" Conjunto "A"

Sala 904 – Centro Empresarial Brasil 21 Asa Sul

CEP: 70316-102 Brasília – DF



PL
Mulher